ATAS DAS SESSÕES

SESSAO DE 6 DE JANEIRO DE 1969

Aos seis dias de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, reuniu-se o Instituto do Ceará na sua primeira sessão plenária ordinária dêste mês, a qual, ao contrário das outras mensais, não se realiza a 4 mas a 5, em comemoração ao aniversário de Barão de Studart, sendo que, no atual ano, se efetuou a 6, por ter sido 5 um domingo. Presidiu-a, na ausência do general Carlos Studart Filho, que se encontra no Rio, o vice-presidente José Aurélio Saraiva Câmara, sendo secretariada pelo 2.º secretário João Hipólito. Compareceram também à reunião, Florival Seraine, Francisco Alves, Geraldo da Silva Nobre, Joaquim Braga Montenegro, José Sobreira de Amorim, José Bonifácio de Sousa, Luís Sucupira, Raimundo Girão e Zélia Camurça, ao todo 11 (onze) associados.

O segundo secretário procedeu à leitura da ata da sessão anterior, tendo sido esta aprovada sem emendas, e a do expediente, que constou dos livros entrados na biblioteca e da correspondência recebida e enviada pelo Instituto.

O sr. Presidente disse que a sessão dêste dia, como era regimental, tinha por objetivo homenagear, na data de seu aniversário, Barão de Studart, sôbre o qual falaria José Bonifácio.

Na parte de Comunicações, queria anunciar o retôrno a Fortaleza, após brilhante curso na Escola Superior de Guerra, onde se houve com o brilhantismo que lhe é peculiar, do consócio Amorim Sobreira. Afirmou que a E.S.G. goza dos foros de ser o estabelecimento, no Brasil, onde se discutem os mais importantes assuntos, assinalando que, ao terminar o seu curso, Amorim Sobreira, numa distinção pouco comum aos que a cursavam, havia sido convidado para integrar o corpo permanente de conferencista da Escola, o que prova o seu valor cultural.

Florival Seraine leu seu relatório sôbre o parecer dado por Parsifal Barroso em tôrno da reestruturação da grande História do Ceará planejada por Pompeu Sobrinho.

O 2.º secretário João Hipólito requereu o registro em ata da passagem, no dia 5, do primeiro centenário da entrada vitoriosa, na capital do Paraguai, de Caxias, comandante em chefe das operações contra as fôrças de Lopez. Como é sabido, o primeiro ato de Caxias, ao entrar na cidade, foi visitar a catedral de Assunção e orar aos pés da Virgem, rogando à Padroeira dos paraguaios que lhe desse inspiração para tratar o povo com magnanimidade.

Em seguida, Raimundo Girão louvou o relatório de Florival Seraine, pedindo ao presidente e aos outros consócios que tomassem a sério essas sugestões. Fêz ver que se precisava dar ao Intituto uma feição nova, frisando, todavia, que a Casa de Barão de Studart, ao longo dos seus 82 anos de existência, tem sido muito útil à cultura do Estado. Ressalvou, entretanto, que, em matéria de estrutura, o Instituto não apresentava bom funcionamento, concluindo suas observações com o comentário de que a Casa de Barão de Studart não era sòmente histórica,

mas também geográfica e antropológica, cujos setores têm sido lamentàvelmente esquecidos.

Por último, José Bonifácio ocupou-se da figura de Barão de Studart, nome que é verdadeiro nume para esta casa.

A esta altura, o segundo secretário teve necessidade de retirar-se, sendo substituído por D. Zélia Camurça, que registrou mais os seguintes fatos ocorridos na sessão:

Num esquema bem delineado, José Bonifácio apresentou o Barão de Studart como pessoa humana, pai de família, médico. Recordou tôda a brilhante trajetóri de sua vida no Instituto do Ceará como historiador, como biógrafo, como cronólogo, como editor. Situou-o, no plano nacional, entre os grandes pesquisadores: ao lado de Rio Branco, e considerou-o "a maior figura da historiografia regional do Brasil".

A seguir, o presidente Aurélio Câmara agradeceu a José Bonifácio a apresentação do trabalho e, aquilo que os sócios expressaram através de palmas, êle o fazia em palavras. Em seguida, reportou às considerações do consócio Raimundo Girão acêrca da necessidade de reformulação do Instituto do Ceará "diante da superação histórica octogenária do Instituto". Considerou oportunas aquelas preocupações no dia de hoje por serem as mesmas o maior indício de vitalidade da instituição. Relembrou, a seguir, o que noutra ocasião já afirmara, de que considera três as fases da História do Ceará. A primeira fase, a descritiva, a de Theberge e outros, é a dos precursores da História do Ceará. A segunda fase, a elucidativa, é a de Guilherme Studart, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra: é a fase do estudo das origens do Ceará e a dos livros de correção de erros históricos. É, segundo êle, a fase que ainda hoje vivemos e que deve ser superada, visando a atingir a terceira fase, ou seja, a interpretativa. Acredita, porém, que sòmente com grandes recursos financeiros esta fase podia vir a atingir o seu apogeu, no Instituto do Ceará, sabendo-se que o Instituto não dispõe de instrumentação para a pesquisa. Que o Instituto venha a ter a sua equipe de pesquisadores e que êsse processo de organização deve surgir paralelamente ao da reforma de estrutura.

Em seguida, a palavra foi concedida à consócia Zélia Camurça, que frisou ter, juntamente com os seus colegas, vivo interêsse de ver avante a idéia do Dr. Florival Seraine e considerou de importância a idéia de organização de mesas-redondas com a abertura do debate a um público maior. Comunicou, outrossim, que o Dr. Carlos Studart Filho houvera sido indicado e eleito por unanimidade dos presentes em reunião do Centro Médico Cearense, membro honorário daquela associação profissional e numa homenagem especial aos 50 (cinqüenta) anos de formatura. Solicitou que o Instituto do Ceará agradecesse à Direção daquele órgão a homenagem prestada ao seu digno Presidente e Secretário-Geral Perpétuo em se fazendo presente à cerimônia de outorga do título, que acontecerá tão logo ocorra o seu regresso do sul do País. Pediu à Direção do Instituto permissão, e procedeu à leitura de carta recebida recentemente. Nela, o missivista, acadêmico José Figueiredo Filho, solicita do Instituto do Ceará o apoio a ser dado a uma equipe de jovens intelectuais cariri enses no sentido de orientá-los em empreendimento audacioso, tocante e válido, qual seja o de publicar revista em defesa de seus ideais e também da terra cearense. Após o que, Zélia Camurça sugeriu que o Instituto do Ceará recebesse, em sessão ordinária num futuro próximo, alguns representantes do grupo.

O Presidente, com a palavra, expressou a melhor boa vontade do Instituto, lamentando, porém, não poder, no momento, ajudar financeiramente a êsse empreendimento cultural, mas disse não hesitar em tornar ciente o seu aprêço ao esfôrço e ao dinamismo daqueles jovens.

O consócio Luís Sucupira pediu a palavra para discorrer sôbre as dificuldades financeiras da Casa, fêz um relato circunstanciado das "demarches" para a construção da área a ser destinada à impressora. Solicitou igualmente que algum interêsse fôsse demonstrado pelos sócios e em particular pelos dois Secretários de Estado presentes, o da Cultura, Dr. Raimundo Girão e o da Administração, Dr. José Bonifácio, no sentido de que o Govêrno do Estado

saldasse as suas obrigações financeiras referentes a dois meses de aluguel da área dedicada ao Museu. Comunicou que o problema do fornecimento de água, tanto do prédio do Instituto como o da Casa de Tomás Pompeu, estava resolvido satisfatòriamente, faltando, porém, solucionar o débito junto ao SAAGEC.

Com a palavra, o Dr. Sobreira de Amorim agradeceu os votos de boas-vindas formulados pelo Instituto do Ceará e disse ter feito o possível para, ao longo do seu estágio na E. S. G., corresponder ao pensamento e ação dos seus colegas, frisou: "aquêles que comigo acham que o valor moral ainda é um supra-valor". Falou do seu regozijo ao verificar que na Biblioteca da Escola Superior de Guerra existem várias obras dos membros do Instituto e disse ter encaminhado, a pedido da Direção daquela Escola, convite ao consócio Dr. Paulo Bonavides para proferir conferncia sôbre Política naquela Instituição de ensino: Acrescentou que êle também se interessou pelas idéias de reformulação do Instituto aqui ventiladas e expressou o desejo de que, no estudo das várias alternativas, se alcance um melhor esquema de organização estrutural da entidade.

Luís Sucupira anunciou a seguir a promessa da Imprensa Universitária de proceder a entrega, até o fim dêste mês de janeiro, de mais um número da Revista do Instituto do Ceará.

Na relação dos sócios presentes foi omitido o nome do consócio senador Fernandes Távora, que chegou um pouco atrasado, por motivo justificado, ficando, assim, elevado para 12 (doze) o número de sócios presentes.

Encerrados os trabalhos, eu 2.º Secretário, João Hipólito, com a colaboração final da Dra. Zélia Camurça, lavrei a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

Fortaleza, 20 de janeiro de 1969.

SESSÃO DE 20 DE JANEIRO DE 1969

Aos vinte dias de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua segunda sessão plenária ordinária referente àquele mês. Presidiu-a, na ausência do presidente, o secretário Mozart Soriano Aderaldo, tendo êste convidado para secretariar os trabalhos, em virtude do não comparecimento do 2.º secretário João Hipólito, que se encontrava no sul do país, o Sr. Francisco Alves. Compareceram ainda à reunião os srs. Antônio Martins Filho, Djacir Menezes, Geraldo da Silva Nobre, Jósa Mabalhães, José Denizard Macedo, Luís Sucupira, Manoel Albano Amora, Osvaldo de Oliveira Riedel, Raimundo Girão e Zélia Camurça, ao todo 12 (doze) associados, além do diretor da secretaria, José Osvaldo de Araújo.

O secretário leu as atas das sessões de 5 de dezembro de 1968 e de 6 de janeiro de 1969 as quais foram aprovadas, sendo a primeira com uma retificação na parte alusiva à secretaria e à 1.ª secretaria, pois ambas são ocupadas por um mesmo titular, e a 2.ª com um acréscimo, a pedido de D. Zélia Camurça. Procedeu depois à leitura do expediente, que constou dos livros entrados na biblioteca e da correspondência enviada e recebida pelo Instituto no período compreendido entre a última sessão e a atual.

Em seguida, foi distribuído o livro de Antônio Sales — **Obra Poética**, empreendimento da Secretaria de Cultura do Ceará, de que é titular o consócio Raimundo Girão, e organizado pelo companheiro Braga Montenegro. Amorim Sobreira retificou, também, trecho de uma das atas lidas, que lhe dizia respeito, visto como foi convidado a fazer parte do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra e não para seu conferencista, como figura.

O presidente em exercício Mozart Soriano Aderaldo propôs um voto de tristeza, que foi aprovado por unanimidade, pelo falecimento da genitora do consócio Djacir Menezes, tendo êste agradecido a manifestação de pesar. Mozart Soriano comunicou que a casa acabava de receber um volume enviado por Carlos Studart, contendo alguns números da **Revista do Instituto**, livros dos consócios e obras raras que estavam faltando à biblioteca. Por isso, solicitava uma moção de louvor

ao presidente efetivo Carlos Studart, a qual contou com os aplausos de todos os presentes.

Com a palavra, Amorim Sobreira informou que a Faculdade de Direito do Ceará havia traçado um plano de trabalho no sentido de publicar várias obras de seus professôres. O lançamento da sua seria sábado às 10 horas, a cujo ato gostaria que comparecessem seus colegas de Instituto. Adiantou que os volumes destinados ao Instituto viriam depois e que teria a oportunidade de oferecê-los a cada um dos sócios.

Luís Sucupira chamou a atenção dos companheiros para a construção do pavilhão, solicitando a indicação de um empreiteiro ou mestre-de-obras. Raimundo Girão indicou o mestre Costa, lembrado por Braga Montenegro, cuja ausência pedia justificar, dada a impossibilidade de seu comparecimento.

Na Ordem do Dia, Osvaldo de Oliveira Riedel falou sôbre Martius, a quem o Instituto homenageava na passagem do centenário de seu falecimento, ocorrido em dezembro do ano passado. Salientou que foi Martius o estrangeiro que melhor compreendeu o Brasil, a que dedicou uma obra que se destacou pela elegância da forma e pelo rigor científico.

Djacir Menezes congratulou-se com o Instituto pela palestra de Osvaldo Riedel, tendo D. Zélia Camurça sugerido a publicação do trabalho lido, de maior valor cultural.

O presidente Mozart Soriano consultou o plenário sôbre a posse dos novos sócios, que já se manifestaram favoràvelmente ao seu ingresso no Instituto, lembrando que a sessão de recepção podia ser a de 4 de março, aniversário da casa.

Denizard Macedo notificou haver localizado uma pintura a óleo de José Rodrigues de Carvalho, ouvidor.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, da qual eu, Francisco Alves, Secretário ad hoc, lavrei a presente que, depois de lida e achada conforme, será aprovada pelo Sr. presidente e assinada pelos demais sócios.

SESSÃO DE 4 DE FEVEREIRO DE 1969

Aos quatro dias de fevereiro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua 1.ª sessão plenária ordinária referente a êste mês. Presidiu-a, na ausência de seu presidente, o vice-presidente José Aurélio Saraiva Câmara, sendo secretariada pelo segundo secretário João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram também à reunião os srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves, Geraldo da Silva Nobre, Joaquim Braga Montenegro, José Parsifal Barroso, Luís Cavalcante Sucupira, Luís Teixeira Barros, Manoel Albano Amora Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Raimundo Girão, ao todo 13 (treze) associados. Além do padre José da Frota Gentil, que se sentou à mesa dos trabalhos e que ia lançar seu livro sôbre os "Frotas", fizeram-se presentes membros de suas famílias, destacando-se Alberto Costa Sousa, Jorge Gentil Leite Barbosa, Luís Gentil, Francisco Filomeno Ferreira Gomes, e bem assim diversos visitantes, como Vicente de Castro, Gutemberg Teles, Lauro Vale e outros.

O segundo secretário leu o expediente, que constou da relação dos livros entrados na biblioteca e da correspondência enviada e recebida pelo Instituto. Desculpou-se, porém, de não proceder à leitura da ata da sessão anterior, que foi secretariada, na sua ausência, quando se encontrava no sul do país, pelo consócio Francisco Alves, em virtude de a mesma, apesar de já ter sido lavrada, não estar ainda datilografada.

O sr. presidente disse que a comissão, encarregada de apresentar seu relatório sôbre a questão suscitada em tôrno da prioridade do descobrimento do Brasil, iria fazê-lo por intermédio de um dos seus membros, o consócio Geraldo da Silva Nobre. Êste salientou que a comissão cumpriu a determinação do sr. presidente, tornando público seu trabalho precisamente nesta data, que registrava, por feliz coincidência, mais um aniversário da chegada ao Brasil de Vicente Pinzón. O estudo constou de Introdução, Orientação Metodológica, Questões Essenciais, Desenvolvimento com Prioridade de Pinzón, Local do Desembarque e Conclusão. A parte final foi a seguinte:

Esta comissão, na certeza de haver cumprido seu dever satisfatòriamente, porque inspirada apenas no respeito à Verdade, submete o resultado de seus estudos aos ilustres e doutos Consócios do Instituto do Ceará, rendendo aqui sua homenagem à percuciência de Th. Pompeu Sobrinho, autêntico sábio que, a par do sempre lembrado Barão de Studart, tanto elevou mundialmente o conceito dêste Sodalício. É certo que o autor da **Proto-História Cearense** não teve outro intuito senão o de preencher uma lacuna da História do Ceará, relativa ao período anterior à colonização — no que ninguém o precedeu —, sòmente por extensão, tratando do problema do descobrimento do Brasil, de maneira despreconcebida e, por conseguinte, válida. Lamenta a comissão que referido trabalho, de tão alto quilate, haja obtido repercussão aquém de seus méritos. E, finalmente, julga dever esclarecer que estas conclusões não envolvem a questão da prioridade do descobrimento, porque, antes de 1499, alguma expedição portuguêsa, ou de outra nacionalidade, eventualmente pode ter chegado ao litoral brasileiro."

José Aurélio declarou que a presidência recebia, com satisfação, o trabalho da comissão, do qual mandaria tirar cópias e distribuir com os sócios, para que, na sessão do dia 20, o assunto seja submetido à votação.

Albano Amora cumprimentou o presidente pela passagem, neste dia, do cinqüentenário do casamento de seus genitores.

Fernandes Távora pediu a palavra para fazer uma observação a respeito do parecer da comissão que acabava de ser lido. Afirmou que essa questão de atribuir-se a Portugal a prioridade no descobrimento do Brasil é independente do significado que se dê à palavra descobrimento. Adiantou que "o que Pinzón fêz foi, simplesmente, acidentalmente tocar na costa cearense. Passou como uma andorinha fugaz". E concluiu: "É claro que Cabral, tendo chegado a Pôrto Seguro, desembarcado, observado a terra, dado-lhe nome, foi o descobridor. Não há motivos para questões, como esta, que são muito dignas mas não trazem nenhum proveito."

O sr. presidente, dirigindo-se a Fernandes Távora, fêz ver que o Instituto recebia com muita satisfação seu ponto de vista. Salientou que todos os sócios poderiam emitir suas opiniões e que iria mimeografar o relatório para conhecimento dos sócios e discussão no próximo encontro.

Fernandes Távora acrescentou que seu pronunciamento não trazia nenhum deslustre, nenhuma diminuição à glória de Pinzón.

O Sr. Presidente passou, então, à segunda parte da sessão, frisando que o Instituto se associava com prazer, dentro de suas diretrizes culturais, a um fato de maior significação: o lançamento do livro do padre José da Frota Gentil, trabalho sério, fatigante, a que seu autor emprestara modestamente o título de esbôço. Acentuou que, numa das últimas sessões do Instituto, o consócio Raimundo Girão teve ocasião de aludir a êsse trabalho e solicitar a consignação em ata de um voto de congratulações com o seu autor, o que foi aprovado por unanimidade. E finalizou: "O Instituto associou-se então às manifestações e irá homenagear, agora, o padre José da Frota Gentil através da saudação daquele consócio."

Raimundo Girão observou, inicialmente, que o Instituto, que ia completar êste ano o seu 82.º aniversário, com um passado de trabalhos, devia estar contente com a sessão que estava realizando pelo conteúdo que a caracterizava. Referiu-se às conclusões a que chegou a comissão designada pelo Instituto para tratar do caso da prioridade no descobrimento do Brasil, as quais resultaram de um estudo sério, dentro dêsse critério com que trabalham os verdadeiros historiadores. Asseverou que só êste acontecimento valeria a satisfação pela sessão de hoje, mas outro, de não menor alegria, é a apresentação do livro do padre Frota. Ressaltou que era uma das obras mais notáveis que se tinham produzido na genealogia cearense e na brasileira. Acrescentou ainda que a genealogia cearense é uma genealogia nova, sendo fácil de levantar-se, porque apenas dois séculos nos separam dos colonizadores. Aduziu que, sendo a genealogia auxiliar da história, nós podíamos fazer o levantamento de nossa formação através dos elementos genealógicos. Destacou que talvez tenha sido o Barão de Studart o primeiro a fazer genealogia no Ceará e que se lhe seguiram vários, entre os quais gostaria de citar Leonardo Feitosa. Mencionou a atividade de outros, que deram sempre sua contribuição ao trabalho que pretendia executar na Secretaria de Cultura, onde havia organizado

um grupo constituído de pessoas dedicadas. Disse mais que, ùltimamente, vinha, como contribuição valiosa, superior, a obra do padre Frota, que era bem um produto de seus esforços, canseiras, lucubrações, impaciências, desencantos e contentamento, pois tudo isso informa o genealogista. Depois de repetir que o Instituto estava num dos seus grandes dias, lançando o livro do padre Frota, elogiou o homenageado como um benemérito da cultura histórica através do estudo genealógico.

Por fim, o padre José da Frota Gentil agradeceu a homenagem que lhe era prestada, fazendo um resumo de sua obra, que se constituía de 1 000 páginas, de 100 clichês e de registro de 22 000 nomes de membros da família. O padre José da Frota Gentil ofereceu ao Instituto os óculos usados pelo seu parente padre João Augusto da Frota, que fôra membro do Instituto.

José Aurélio externou ao padre Frota a gratidão do Instituto do Ceará pela oferta dos óculos que pertenceram ao padre João Augusto da Frota, os quais serão guardados como uma de suas relíquias mais preciosas.

Antes de encerrar a sessão, o sr. presidente manifestou, a todos, os seus agradecimentos pela honra da presença, sendo batidas fotografias e servido copos de refrigerantes, do que, para constar, lavrei a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será aprovada pelo sr. presidente e assinada pelos demais associados.

SESSÃO DE 20 DE FEVEREIRO DE 1969

Aos vinte dias de fevereiro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua 2.ª sessão plenária ordinária referente àquele mês. Na ausência do Presidente, Vice-Presidente e 1.º Secretário, assumiu a presidência o 2.º secretário João Hipólito Campos de Oliveira, que, pelo fato de ser o encarregado da Palestra, a transmitiu ao tesoureiro Luís Sucupira, tendo, porém, permanecido na secretaria dos trabalhos. Compareceram, também, à reunião, os srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves, Geraldo da Silva Nobre, José Parsifal Barroso, Manoel Albano Amora e o Cônego Dr. Misael Gomes da Silva, ao todo 8 (associados), o diretor da secretaria José Osvaldo Araújo, o sócio-correspondente gen. Raimundo Teles Pinheiro e Secretário Municipal Amauri de Castro e Silva, e, bem assim, o Prefeito Municipal de Fortaleza, Dr. José Válter Cavalcante.

O segundo secretário leu a ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas, procedendo depois à leitura do expediente, constante dos livros entrados na biblioteca e da correspondência enviada e recebida pelo Instituto.

O presidente Luís Sucupira saudou o prefeito, Dr. José Válter Cavalcante, convidando-o a tomar assento à mesa e concedendo-lhe a palavra, em seguida.

José Válter disse que, inicialmente, apresentava suas saudações ao Instituto e seus agradecimentos pela recepção que lhe tinha sido dispensada. Adiantou que já havia mantido diversos contatos com membros do Instituto, aos quais sempre externou sua preocupação com o problema dos nomes dos bairros, avenidas, praças e ruas de Fortaleza. Lamentou que, muitas vêzes, nem sequer aposta a placa da rua, surgia outra lei, mudando sua denominação. Particularizou o caso de ruas com três denominações consecutivas e de nomes iguais dados a três ruas diferentes, situação essa que não podia perdurar. Salientou que, na sua administração, só havia autografado uma lei, mudando o nome de uma rua, que passou chamar-se Gomes de Matos. Essa mudança — frisou S. Exa. — resolveu uma anomalia que existia naquela artéria, qual seja o de dois nomes diferentes, tendo ficado, assim, com um nôvo, único e mais justo. Mostrou que essas constantes alterações na nomenclatura da cidade ocasionava problemas muito sérios, citando igualmente a questão não menos grave da numeração das casas. Observou que a Secretaria de Planejamento já havia encontrado uma casa com cinco números diferentes: um, da Prefeitura; outro, do próprio dono; um terceiro, dos Correios e Telégrafos; um quarto, do DNERu e um quinto do Serviço Telefônico. Encerrou suas considerações, pedindo, na qualidade de gestor do município, a colaboração do Instituto para o estudo da nomenclatura dos bairros, avenidas, praças e ruas de Fortaleza,

pois, a seu ver, nenhuma entidade, em nossa capital, seria capaz de executar um trabalho que inspirasse maior respeito do que a que ora visitava.

O presidente Luís Sucupira declarou que a idéia do prefeito José Válter era das mais nobres, mostrando que, outrora, não se davam nomes às ruas de Fortaleza, sem que o Instituto do Ceará fôsse prèviamente ouvido. Acrescentou que o mesmo se verificou com o caso dos topônimos, quando a Casa de Barão de Studart foi consultada e participou da comissão que dêle se encarregou.

Manoel Albano Amora interveio para ressaltar que só louvores merecia a atitude do prefeito José Valter, mas se permitia fazer um acréscimo às observações de S. Exa., aliás muito justas: por ocasião da realização dêsses estudos, deviam ser lembrados os nomes tradicionais, consagrados pelo uso, com a restauração dos que fôssem possíveis. Acentuou que o Instituto de Pernambuco havia contribuido para que as prefeituras daquele Estado — a da capital e as do interior — tivessem restaurado os nomel tradicionais. Manoel Albano Amora indicou os consócios Mozart Soriano Aderaldo e Geraldo da Silva Nobre para integrarem a comissão do Instituto que irá colaborar com a edilidade de Fortaleza.

Francisco Alves secundou a opinião de Albano Amora, de que a visita do Prefeito era muito honrosa, aproveitando a oportunidade para lembrar a S. Exa. que se tornava necessária uma lei que institucionalizasse êste Sodalício como órgão consultivo da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Manifestou-se, igualmente, sôbre o assunto o consócio Geraldo da Silva Nobre, emitindo seu ponto de vista de que as denominações encomiásticas na nomenclatura de Fortaleza começaram a ser usadas após a guerra do Paraguai. Esclareceu que o historiador Hugo Vitor, já falecido, membro do Instituto, havia escrito um trabalho sôbre a nomenclatura de Fortaleza, que era raríssimo atualmente, grande parte do qual foi publicado no jornal **O Estado**. Reafirmou a necessidade de um diploma legal, como o que sugeria Francisco Alves, achando, porém, que êle devia ser duplicado, para abranger o caso da demolição de prédios.

Francisco Alves voltou a falar para assinalar que Pernambuco respeita mais as tradições que o Ceará e para lembrar a afirmativa, nesse sentido, do consócio Parsifal Barroso, de que o cearense era tradicionalista por excelência.

O prefeito José Valter retomou a palavra, assegurando que a Prefeitura providenciar a competente mensagem, visando a dar ao Instituto o suporte oficial de que necessitava.

Luís Sucupira agradeceu a presença do prefeito José Valter Cavalcante, que pediu permissão para retirar-se por ter de atender a outros compromissos. O presidente em exercício propôs o nome de Manoel Albano Amora para, juntamente com Mozart Soriano Aderaldo e Geraldo da Silva Nobre, compor a comissão do Instituto que estudará a nomenclatura dos bairros, avenidas, praças e ruas de Fortaleza. Geraldo da Silva Nobre, alegando seus afazeres e sua tarefa como membro da comissão dêsse Instituto, incumbida de pesquisar a tese da prioridade no descobrimento do Brasil, indicou o Segundo Secretário para substituí-lo, o que foi aprovado por unanimidade, com as demais indicações.

Antes da Ordem do Dia, cuja Efeméride estava a cargo do consócio João Hipólito, ocupou a tribuna o Cônego Dr. Misael Gomes, que leu o discurso que pronunciou quando da posse, na Prefeitura de Bonito da Santa Fé, na Paraíba, de seu parente José Arruda Amorim. O trabalho do Cônego Dr. Misael Gomes, como sói acontecer a suas produções literárias, sempre muito bem buriladas, foi aplaudido pelos que o ouviram com a maior atenção.

Em face do adiantado da hora, ficaram transferidas para outra ocasião a discussão do parecer sôbre a prioridade do descobrimento do Brasil e a divulgação dos centenários dêste ano, tendo então o Sr. Presidente encerrado a sessão, da qual, para constar, eu, segundo secretário, João Hipólito, lavrei a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 4 DE MARÇO DE 1969

Aos quatro dias de março do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira sessão plenária ordinária referente a êste mês. Na ausência

do Presidente, que se encontra no Rio, assumiu a direção dos trabalhos o vice-presidente José Aurélio Saraiva Câmara, tendo servido de secretário o segundo secretário João Hipólito. Além dêsses dois diretores, compareceram à sessão os srs. Antônio Gomes de Freitas, Boanerges Facó, Francisco Alves, Geraldo da Silva Nobre, Joaquim Braga Montenegro, Jósa Magalhães, José Denizard Macedo, Luís Sucupira, Cônego Dr. Misael Gomes, Raimundo Girão e Zélia Camurça, ao todo 13 (treze) associados e bem assim o diretor de secretaria José Osvaldo Araújo.

O segundo secretário procedeu à leitura da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas, e do expediente, tendo êste constado da relação dos livros entrados na biblioteca e da correspondência enviada e recebida pelo Instituto.

O Sr. presidente comunicou que fôra feito o pavilhão destinado à Tipografia com um excesso mínimo em relação ao orçamento e em função da planta que para êle conseguira. Disse mais que, afora o pavilhão, foram construídas instalações sanitárias e que tudo estava concluído, faltando apenas a pintura das portas, que seria ultimada hoje. Adiantou que o Frazão lhe informara que o Instituto precisava gastar algum dinheiro para a instalação das máquinas, que estavam muito estragadas.

Referiu-se, logo após, ao trabalho que o consócio Renato Braga vinha realizando e de que já haviam vsido publicados dois olumes, correspondentes o primeiro à letra A e o segundo às letras B e C. Acrescentou ter conhecimento de que o terceiro volume relativo às letras D, E e F já estava pronto, sendo êste, como os anteriores, parte de uma obra que interessa vivamente aos objetivos do Instituto. Expressou sua opinião, secundada pelos presentes, de que o Instituto devia prosseguir na sua publicação, devendo nesse sentido entrar em contato com a família de Renato Braga. Lembrou a constituição de uma comissão para entender-se com a família, que poderá estabelecer condições para a tiragem do terceiro volume. Sugeriu então, como seus integrantes, os nomes de Francisco Alves, Luís Sucupira e Raimundo Girão, que aceitaram a designação, por sinal referendada pelo plenário.

O Sr. Presidente ocupou-se, em seguida, de um ofício lido no expediente, em que a Associação dos Bibliotecários pedia que o Instituto do Ceará colaborasse com ela, na cessão de livros raros, na exposição que pretendia promover, por ocasião da Semana da Biblioteca.

Manifestaram-se sôbre o assunto os consócios Raimundo Girão, favorável à colaboração com a Associação dos Bibliotecários; Braga Montenegro, ponderando que não deixava de ser um risco a saída dos livros, e Zélia Camurça, que perguntou se a exposição não podia ser realizada no próprio Instituto.

José Aurélio observou que estava na Ordem do Dia para esta sessão o problema presidência: o consócio Braga Montenegro faria uma análise da situação e lhe daria o resultado dêsse estudo até quinta-feira, dia 6. Em razão dessa resposta, que atenderia aos interêsses do Instituto, a presidência tomaria sua atitude a qual teria, portanto, o apoio da casa.

José Aurélio observou que estava na Ordem do Dia para esta sessão o problema da prioridade no descobrimento do Brasil. Salientou que, dos elementos da comissão encarregada de dar o parecer com referência ao assunto, sòmente um, no caso Geraldo da Silva Nobre, se achava presente. Diante disso, gostaria que a questão fôsse debatida com um maior número de sócios presentes, parecendo-lhe, destarte, que se deveria esperar por condições mais favoráveis.

Luís Sucupira interveio para dizer que o tema em debate poderia não ser resolvido imediatamente, mas poderia ser iniciado hoje, mesmo porque levaria muitas sessões para uma solução.

José Aurélio esclareceu que não era interessante discutir-se o problema com apenas pequeno número de sócios, aventando a idéia, que foi escolhida por todos, de destinar-se uma sessão exclusivamente para sua discussão. Convocou, destarte, a reunião do dia 20 para a noite, a fim de que o Instituto se pronuncie sôbre o parecer da comissão.

O Presidente aludiu ainda ao significado desta data: aniversário da fundação do Instituto, tecendo elogios sôbre a sua situação no cenário cultural do país.

Finalmente, José Aurélio reportou-se à visita do sr. prefeito José Valter Cavalcante à casa, quando foi designada uma comissão, composta de Mozart Soriano

Aderaldo, Manoel Albano e João Hipólito, para estudar o caso da nomenclatura dos bairros, praças, avenidas e ruas de Fortaleza. Um dos seus membros solicitou, na ocasião, que referido grupo de trabalho fôsse acrescido da colaboração indispensável dos consócios Raimundo Girão e Denizard Macedo, que concordaram com a indicação, aliás aprovada pelos presentes.

Raimundo Girão confessou haver estranhado, na sessão passada, a omissão do guia da Cidade, publicado na gestão Cordeiro Neto, sobretudo porque foi feita referência a outro trabalho. Esclareceu que o guia da Cidade foi um trabalho resultante da pesquisa de 8 meses, dia a dia, noite a noite e que teve a presidência de Secretário de Urbanismo e a participação de um membro do Instituto. Com êsse reparo — finalizou — queria que se fizesse justiça aos que trabalharam na elaboração do guia, que não podia ser esquecido pela nova comissão.

José Aurélio pediu permissão para retirar-se, passando a presidência ao tesoureiro Luís Sucupira, pois o segundo secretário era o encarregado da Palestra e a êle concedia a palavra.

João Hipólito leu a relação dos cinqüentenários, centenários, sesquicentenários, etc. de 1969, cujos principais, em ordem cronológica, são os seguintes:

Geraldo da Silva Nobre elogiou o trabalho elaborado por João Hipólito, havendo Raimundo Girão pedido a inclusão nêle do centenário da Casa Boris, que era um fato da maior importância na vida comercial do Estado.

Denizard Macedo requereu um voto de congratulações, que foi aprovado por unanimidade, com D. Zélia Camurça, em virtude de sua aprovação no recente concurso para professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia do Ceará. D. Zélia Camurça agradeceu a manifestação, transferindo a moção a dois membros do Instituto, que tinham feito parte das bancas do concurso de Geografia e Economia daquele estabelecimento superior de ensino, os srs. João Hipólito e Denizard Macedo, respectivamente.

O Sr. Presidente anunciou que para a sessão de 4 de abril estava designado o consócio Saraiva Leão, mas, como êle não se achava presente nem estivesse comparecendo às reuniões do Instituto, se permitiu substituí-lo por D. Zélia Camurça. Esta pediu desculpas por ter faltado às duas últimas sessões e solicitou que o Instituto se dirigisse a Saraiva Leão, notificando-o de que era o responsável pela Palestra do dia 4 de abril.

Denizard Macedo requereu, merecendo seu requerimento aprovação integral, um tributo de louvor aos companheiros Mozart Soriano Aderaldo e João Hipólito Campos de Oliveira, por haverem recebido a medalha comemorativa do 25.º aniversário do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 10.ª Região Militar, a cuja primeira turma pertenceram.

Encerrada a sessão, foi lavrada, por mim, João Hipólito, 2.º secretário, a presente ata, a qual, depois de lida e achada conforme, será aprovada pelo presidente e assinada pelos demais sócios.

SESSÃO DE 20 DE MARÇO DE 1969

Aos vinte dias de março do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às vinte horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua segunda sessão plenária ordinária referente àquele mês, a qual foi convocada para a noite e com o fim especial de votar o parecer da comissão designada pela casa para tratar da anterioridade no descobrimento do Brasil.

Presidiu-a seu presidente General Dr. Carlos Studart Filho, servindo de secretários os titulares Mozart Soriano Aderaldo e João Hipólito e havendo comparecido, além dêsses diretores, os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Clodoaldo Pinto, Francisco Alves, Geraldo da Silva Nobre, Joaquim Braga Montenegro, José Aurélio, Luís Sucupira, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Osvaldo Riedel e Raimundo Girão, ao todo 13 (treze) associados, e bem assim, o diretor da Secretaria José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário leu a ata da sessão anterior, a qual foi aprovada com uma emenda do consócio José Aurélio Câmara e que se retirara do recinto, passando a presidência a Luís Sucupira, antes de ser discutido o problema da comissão encarregada da nomenclatura das ruas de Fortaleza.

Raimundo Girão comunicou que Denizard Macedo se achava internado na Casa de Saúde São Lucas vítima de perturbações cardíacas e que o havia visitado. Foi designada uma comissão, constituída de Clodoaldo Pinto, Osvaldo Riedel e João Hipólito, para fazer uma visita, em nome do Instituto, àquele consócio.

Raimundo Girão informou que a comissão de que fazia parte e indicada pela casa para entender-se com D. Myriam Braga, viúva de Renato Braga, sôbre as condições de tiragem do 3.º volume do **Dicionário Histórico e Geográfico do Ceará**, da autoria daquele consócio, já havia começado a cumprir o seu dever. Assim é que estivera com D. Myriam Braga, tendo ela afirmado que aceitava manter entendimentos com o Instituto a respeito daquela publicação.

O Sr. Presidente disse a Raimundo Girão que ficava consignado em ata êsse apressement com que êle desempenhara sua obrigação.

Em seguida, o Sr. Carlos Studart declarou que concederia a palavra a quem quisesse falar sôbre o caso que ora preocupava o Instituto, relativamente à prioridade no descobrimento do Brasil.

Fernandes Távora teceu vários comentários sôbre a questão, havendo dirigido à mesa uma "Explicação Necessária" do seguinte teor:

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

"Quando, há dias, aqui foi lido o magnífico parecer da Comissão relativo à prioridade da Descoberta do Brasil, tomei a liberdade de formular indagação à Mesa se não se impunha, antes de tudo, definir, claramente, o que se deve entender pelo vocábulo "descoberta", em se tratando de regiões desconhecidas.

Pareceu-me claro e insofismável que "descobridor" de uma terra qualquer é aquêle que, havendo encontrado essa pequena ou grande porção terráquea desconhecida, faz chegar ao resto da humanidade a certeza de sua existência, situando-a corretamente no mapa-múndi.

Pergunto agora: Qual dos dois navegadores preencheu essas condições? Evidentemente, Cabral, pois não só ancorou sua frota em Pôrto Seguro, como demorou entre seus aborígines, deu-lhe o nome de Terra de Santa Cruz e ainda mais, tomou posse dela em nome de el-rei Dom Manuel, de Portugal, introduzindo-a, assim, no convívio universal.

Por outro lado, que fêz Pinzón? Segundo afirmou nosso eminente colega Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, seus acurados estudos o levaram à convicção de que o navegador espanhol foi o primeiro a tocar no litoral brasileiro, cêrca de 3 meses antes da armada de Cabral. Êsse contato deu-se na costa cearense, no município de Aracati, no lugar designado Ponta Grossa ou Jabarama. O fato, aliás, já havia sido narrado por outros historiadores que confundiram a Ponta do Mucuripe com aquela que fôra por Pinzón batizada de Cabo de la Consolación.

Confrontando-se o comportamento dos dois navegadores, é impossível deixar de reconhecer que, enquanto o nauta espanhol abandonou ràpidamente a terra em que acidentalmente tocara, limitando-se a batizar a ponta de serra avistada, sem dela dar notícia ao resto do mundo, — Cabral que, possìvelmente também por acaso, chegou a Pôrto Seguro, deu outras dimensões ao grande acidente de sua viagem e entregou à civilização o que é hoje a nossa grande pátria.

Ante o exposto, parece-me lógico atribuir a Pedro Álvares Cabral a descoberta do Brasil.

A rápida passagem de Pinzón por terra cearense — que já não pode ser contestada — é bastante para nos assegurar a glória de havermos sido a primeira porção do Brasil pisada por um europeu.

Não usurpemos ao velho e querido Portugal aquilo que constitui uma das maiores glórias de sua História, contentando-nos ter sido o primeiro ponto do país, digo, ponto de contato do país com o homem civilizado.

Ao terminar estas ligeiras observações, devo esclarecer aos eminentes membros da Comissão que elas não tiveram o menor intuito de crítica ao seu belo parecer.

Quis, apenas, chamar a atenção dos ilustres colegas sôbre a verdadeira significação da palavra "descoberta", que, no caso em tela, não pareceu estar bem interpretado."

Geraldo da Silva Nobre levantou uma questão de ordem para saber se, estando presente apenas êle, como membro da Comissão, o parecer podia ser discutido. A essa altura, chegou outro componente do grupo de trabalho, tendo Geraldo da Silva Nobre pedido permissão para retirar-se.

Luís Sucupira pediu a palavra para dizer que estava em desacôrdo com o parecer, pois achava as conclusões dêste na primeira parte impertinentes e na segunda improcedentes.

Luis Sucupira:

"Disse que o Parecer apresentava-se duplamente negativo, sendo impertinente na sua primeira parte e improcedente na segunda.

Impertinente, porque fugiu ao objetivo do Instituto, que é uma conclusão definitiva a respeito da opinião de Tomás Pompeu Sobrinho, quanto ao desembarque de Pinzón em Ponta Grossa ou Jabarama, nas proximidades de Aracati. O Parecer estendeu-se na comprovação da precedência de Pinzón sôbre Cabral, assunto já ultrapassado e que não necessitava mais de explanação, pois, até nos livros didáticos de história do Brasil, isso está demonstrado. É certo que o historiador português Duarte Leite, em **Descobridores do Brasil,** no capítulo referente aos "Falsos Precursores de Cabral", tentou destruir essa certeza, mas o fêz sem resultado prático e sem documentação suficiente.

Na sua contextura o Parecer oferece argumentos inseguros, além de empregar recursos infundados. Alega que Pinzón veio "a mando dos reis católicos de Espanha", quando todos os historiadores que narram sua primeira viagem ao Brasil, bem como as seguintes, sustentam que êle veio "às suas expensas" na frase mesma de Pompeu Sobrinho.

O Parecer reduz o imenso e admirável trabalho de Pompeu — **Proto-História do Ceará,** como "um pormenor puramente toponímico", donde a sua "pouca repercussão". Isso é dar reduzido valor a uma obra impressionante de esfôrço pessoal e evidência histórica.

A impertinência do Parecer ressalta no fato de estender-se êle na comprovação da "questão essencial da prioridade de Pinzón", consumindo, no assunto, além da Introdução, 2 fôlhas e meia de Desenvolvimento, prolongando-se em comentários através de 18 itens, enquanto para a matéria vital apenas destina 4 itens.

No item 16 avança o Parecer que "é pràticamente irrefutável" que Pinzón atingiu o litoral do Ceará em 1499 e não em 1500.

O que é irrefutável é que Pinzón estêve no Brasil em começos de 1500 (janeiro ou fevereiro). Todos os historiadores isso registram.

Pompeu afirma: "a data da partida de Pinzón não é objeto de dúvida quanto ao ano, porém quanto ao dia e mês divergem os cronistas coevos", acrescentando: "devidamente licenciada, partiu de Palos (a expedição) em princípios de dezembro de 1499. Além disso, há depoimento do próprio Pinzón e seus sobrinhos nesse tocante: Na Real Provisão, datada de Granada **em 5 de dezembro de 1500,** em depoimento, os sobrinhos de Pinzón (Árias Perez e Diogo Fernandez) esclarecem que **"pode fazer um ano, pouco mais ou menos,** que armaram quatro caravelas para descobrir parte da índia, com as quais seguiram viagem..." Na Executória em favor de Vicente Pinzón, passada em Granada em **21 de junho de** 1501, diz o próprio Pinzón que, **"pode haver ano e meio pouco mais ou menos** que êle foi descobrir terra para os lados da índia..."

O Parecer avança também que Pinzón partiu de Palos "poucos meses ANTES (e não DEPOIS) de Hojeda. A alegação é lançada sem qualquer abono testemunhal ou histórico. Pompeu declara que **"em maio de 1499** partiu a primeira (ousada emprêsa marítima), **organizada** por ALONSO HOJEDA". Varnhagem escreve: **"Em fins de junho de 1499 ALONSO HOJEDA,** navegando em companhia dos célebres pilotos Juan de la Cosa e Américo Vespucci, se encontra em terra... que não podia ter sido outra senão o delta do Açu". E continua: "SETE MESES DEPOIS de haver HOJEDA avistado a costa do delta do Açu, VICENTE YANEZ PINZÓN aportou à terra mais a oeste, em 26 de janeiro de 1500 (julgamos Mucuripe)". Capistrano de Abreu também assinala que "a viagem de HOJEDA, em companhia de Vespuccio e Juan de la Cosa transcorreu de 16 de maio de 1499 a 8 de setembro seguinte".

Afirmei também que o Parecer improcede nas suas conclusões porque, limitando-se a aceitar como definitivos os resultados esposados por Pompeu, nada aduziu que justificasse suas conclusões. Não penetrou no fulcro do assunto. Não trouxe nenhum fato fundado em documento já não sabido. Não consultou autor nenhum. Não viu Mapas.

Minha opinião, apesar da pequenez dos meus conhecimentos em face da cultura de Pompeu, é que Pinzón abicou no atual Cabo de Santo Agostinho e desembarcou na enseada de Suape, que lhe fica próxima. O Parecer diz que "nas discordâncias a opção deve ser pela maior reiteração de uma determinada versão". Diz mais que "duas afirmações idênticas, provam suficientemente uma verdade histórica". Mais ainda: "ao relato de um fato pelos cronistas da época preferiu o depoimento da própria personagem". Ora, no caso a própria personagem é PINZÓN, coadjuvado por mais de uma afirmação idêntica de testemunhas oculares, comprovando que o primeiro pedaço de terra do Brasil pisado por europeus e que recebeu nome europeu foi o CABO DE SANTO AGOSTINHO. Basta ler o depoimento de Pinzón, na chamada PRESTANZA, inquérito judicial, levado a efeito na Espanha, por ordem régia, e mediante reclamação de Diogo Colombo, em 21 de março de 1513, onde êle, Pinzón, afirma: "Sabe, porque é verdade, que descobriu desde o Cabo da Consolação, situado em terras Portuguêsas, E AGORA SE CHAMA CABO DE SANTO AGOSTINHO..." Também Garcia Hernandes de Huelvas declarou, no dia 25 de setembro de 1515 na mesma Prestanza, que "ao tempo que Vicente Yanez Pinzón descobriu com os que com êle iam, para a parte do Levante, a costa que está descoberta desde a ponta que chamam de Santa Cruz ou de SANTO AGOSTINHO..."

Além dêsses depoimentos solenes, públicos e conservados para a posteridade, aconteceu que Pinzón não veio ao Brasil apenas uma vez, em 1500, mas aqui voltou em 1501 ou começo de 1502 e em 1509, desta vez em companhia de João Dias de Solis. Tomou sempre o rumo do Cabo de Santo Agostinho, ali aproando e dali partindo para outros rumos na costa do Brasil. Êsse rumo de Pinzón foi sempre o seguido por outras expedições ou esquadras que lhe sucederam na busca das índias, tanto assim que era conhecido como DERROTA DE PINZÓN. Convém ainda frisar que Pinzón não era um navegador bisonho. Pelo contrário, tinha imenso crédito como mareante de alto bordo. Tanto assim que foi convidado por Colombo para a primeira viagem à América, em 1492, viajando em sua própria caravela, a NINA. Era magnífico, digo, marítimo experimentado. Desde môço que empreendia viagens no Mediterrâneo e mais de uma vez visitou a costa da África e ilhas portuguêsas do Atlântico. Assim, não podia enganar-se, confundindo o Cabo de Santo Agostinho com a Ponta Grossa. E tendo voltado mais duas vêzes ao Brasil, nunca se dirigiu a Ponta Grossa, mas ao Cabo de Santo Agostinho. Parece que bastam êsses argumentos para provar que Pinzón descobriu o Cabo de Santo Agostinho e não a Ponta Grossa. Aliás, seria interessante, neste assunto ouvir os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiro e de Pernambuco."

Parsifal Barroso defendeu o parecer, de cuja comissão participou, dizendo que houve certa minudência quando à anterioridade de Pinzón, que correspondia a uma simultaneidade com Vespuccio. Acrescentou que, no tocante à antecedência de Pinzón sôbre Cabral, era matéria passada em julgado. Acentuou que Pompeu Sobrinho havia deixado plenamente demonstrado, de modo irretorquível, a identificação de determinados acidentes constantes de mapa de la Cosa. Ressaltou que o saudoso presidente do Instituto do Ceará tinha demonstrado a intenção de fazer essa identificação para não haver tergiversações quanto à localização de Consolación em Aracati e Rosto Hermoso em Mucuripe.

Dessa parte, que era irrespondível, a comissão, segundo esclareceu, partiu para a anterioridade do achamento do Brasil, que se constitui numa questão internacional ainda em aberto por culpa de Portugal, Brasil e Espanha. Diante dêsses fatos e de não se ter até hoje em têrmos válidos a elucidação dessa anterioridade, a comissão, conforme revelou, não quis extrapolar do que se contém na **Proto-História.**

Parsifal concluiu afirmando, com referência ao local da chegada de Pinzón, já que não se punha em dúvida sua vinda antes de Cabral, que o Ceará sempre tivera a funcionalidade de ser a melhor parte do Nordeste para os navegadores

daquele tempo. "O Ceará era a Porta de Entrada do Brasil e, quando Pinzón veio ao nosso país, a terra cearense foi a sua destinação". Repetiu que o nosso Estado ao tornara o ponto visado tôdas as vêzes que o objetivo dos navegadores era a Amazônia.

Luís Sucupira pediu a palavra para dizer que, com muita pena, estava em desacôrdo com o Parecer, reafirmando que suas conclusões na primeira parte lhe pareciam impertinentes e na segunda improcedentes.

Falou depois Raimundo Girão para ressaltar que, sem o querer, talvez tivesse sido o maior responsável pelo ressurgimento do problema. É que, como observou, de suas palavras a um jornalista a propósito do primeiro ponto pisado em terras brasileiras, quando sustentou a tese defendida por Pompeu, de que havia sido no Ceará, em Aracati, para aí levantar um marco comemorativo, se formou grande confusão. Prosseguiu nas suas declarações elogiando o Parecer, que, na sua opinião, situava muito bem o problema.

Raimundo Girão reportou-se à data da chegada de Pinzón, que Pompeu aceitava como tendo sido 2 de fevereiro em Ponta Grossa e 4 de fevereiro também de 1500 em Mucuripe, onde havia plantado uma cruz e se considerado quase dono da terra. Assinalou ainda que, excluído Vespuccio da anterioridade, só restava um navegador em pauta: — Pinzón — e um primeiro local de chegada — Ponta Grossa.

Adiantou que não considerava Pompeu infalível, mas achava que o que o Instítuto devia ter em mente era a validade da tese de seu presidente. Finalizou sua análise, confessando que se penitenciava de ter sido o provocador da questão mas se orgulhava da oportunidade que dera ao Instituto de resolvê-la.

O consócio Clodoaldo Pinto fêz sentir que, diante das declarações de Parsifal Barroso e Raimundo Girão, o Parecer devia voltar à Comissão para uma nova redação.

Depois de analisar o Parecer, que se lhe afigurava polêmico, Mozart Soriano indagou do Presidente se o trabalho da comissão comportava vistas.

Raimundo Girão aparteou para mostrar que não se pediam vistas daquilo que já se conhecia e que um pedido dessa natureza dava margem a outros, eternizando-se a solução.

José Aurélio também interveio para salientar que o Parecer fôra distribuído com os sócios e que Mozart Soriano o tivera em seu poder por mais de um mês.

Clodoaldo Pinto interferiu finalmente para declarar que Mozart Soriano tinha razões no seu pedido de vistas, e, que, se êste não lhe fôsse concedido, ficava dispensado de votar.

O Sr. Presidente deu o assunto por encerrado, atendendo à solicitação de Mozart Soriano Aderaldo.

Êste chamou a atenção de seus colegas para o pavilhão construído, o qual não permitia sequer a entrada das máquinas, como verificou Frazão.

José Aurélio explicou que a Universidade deu 5 milhões para a construção do pavilhão, cuja planta forneceu ao Instituto, e que, se êrro existiu, êste competia ao Serviço de Obras, a Frazão e nunca a nós. Acrescentou que prestava êsse esclarecimento para que se verificasse que não houve omissão de sua parte.

E, como nada mais houvesse a tratar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, da qual eu, João Hipólito, Segundo Secretário, lavrei a presente ata, que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 7 DE ABRIL DE 1969

Aos sete dias de abril do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira sessão plenária ordinária referente a êste mês. Presidida pelo seu Presidente, General Dr. Carlos Studart Filho e secretariada pel oseu segundo secretário João Hipólito, contou também com o comparecimento dos Srs. Antônio Gomes de Freitas, Geraldo da Silva Nobre, Luís Sucupira, Mozart Soriano Aderaldo e Zélia Camurça, ao todo 7 (sete) associados, e bem assim do diretor de secretaria José Osvaldo de Araújo e do visitante Otacílio Nóbrega de Queirós, professor da Universidade Federal da Paraíba.

O segundo secretário leu a ata da sessão anterior, a qual foi aprovada com dois adendos do secretário-geral Mozart Soriano Aderaldo, no tocante a duas de suas intervenções naquela reunião. A primeira delas dizia respeito ao parecer da comissão, do qual pediu vistas não por desconhecê-lo, mas em virtude dos novos argumentos apresentados na ocasião, especialmente pelo consócio Luís Sucupira. O segundo se relacionava com a comunicação que fizera, acêrca do pavilhão destinado à tipografia, limitando-se então a transmitir opinião do diretor da Imprensa Universitária, Sr. Anselmo Frazão, sôbre aquela construção, considerada inadequada pelo referido senhor.

O Sr. Presidente congratulou-se com a casa pela presença do escritor paraibano Otacílio Nóbrega de Queirós, que tinha vindo ao Ceará, especialmente ao Instituto do Ceará, com o objetivo de fazer pesquisas sócio-econômicas e históricas do Nordeste e autor de livro sôbre a vida e a obra de Rodrigues de Carvalho, cujas atividades literárias se fixaram neste Estado e na Paraíba.

O Sr. Luís Sucupira chamou a atenção de seus colegas para o não comparecimento de Fernandes Távora, que, se não se encontrasse enfêrmo, certamente estaria sentado numa das cadeiras do recinto, honrando-o com a sua presença. Por isso, solicitava a designação de uma comissão para visitá-lo na Casa de Saúde São Raimundo, onde se achava hospitalizado, sendo indicados os nomes do proponente e o de Mozart Soriano Aderaldo.

O Sr. Presidente disse que o Instituto lamentava a ausência da figura venerável de Fernandes Távora e sentia ainda mais a sua enfermidade, que era motivo de preocupação para todos.

Luís Sucupira comunicou o falecimento do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, pedindo por êsse motivo, a inserção em ata de um voto de pesar, que teve a pronta solidariedade dos colegas.

Mozart Soriano Aderaldo deu, consternado, ciência à casa do falecimento, ocorrido no dia 4 de abril, do Dr. Francisco de Assis Ferreira, advogado, procurador da R.V.C. e professor por concurso, da Escola de Administração, de quem fêz o necrológio. À manifestação de tristeza, solicitada por Mozart Soriano Aderaldo, associou-se o Instituto, tendo seu Presidente declarado que êste sempre o fazia quando se tratava de grandes homens, como era o caso do Dr. Assis Ferreira.

Facultada a palavra, usou-a o Dr. Otacílio Nóbrega de Queirós para salientar que a finalidade de sua visita ao Ceará tinha sido igualmente a de trazer aos nossos conterrâneos a lembrança do nome de um dos valôres intelectuais do mais recente passado nordestino: José Rodrigues de Carvalho, que já havia merecido as homenagens do Instituto pela passagem de seu centenário. Lembrou, a seguir, no caso de Rodrigues de Carvalho, o historiador cearense Raimundo Girão, que o considerava um escritor paraibano-cearense.

Discorreu depois sôbre o povoamento da região nordestina, dizendo que Capistrano de Abreu, quando se referiu à civilização do couro, tinha tido uma intuição admirável do povoamento de nossa hinterlândia, sabido que o boi se caracteriza por sua ação dinâmica de penetração na busca de novas pastagens, o que ensejou a dilatação da fronteira civilizadora do Nordeste.

Referiu-se, em seguida, às datas de sesmarias de J. Lyra Tavares, afirmando que nelas tinha havido um interregno de muitos anos, e que deu lugar a uma indagação do consócio Mozart Soriano Aderaldo sôbre o período dessa ocorrência e a resposta do visitante, teria sido aproximadamente entre 1620 e 1670, pelo que Mozart Soriano pôde concluir que não decorreria da ocupação holandesa, pelo menos exclusivamente, em face da extensão do hiato.

O Dr. Otacílio Nóbrega de Queirós externou, finalmente, seus agradecimentos pela recepção que teve no Instituto, a cuja mesa entregava quatro exemplares do livro que escrevera sôbre Rodrigues de Carvalho — **O Homem Gordo de Tauá.**

Carlos Studart Filho agradeceu a visita de Otacílio Nóbrega de Queirós e, mais do que isso, sua palestra, em que abordou de relance, mas com profundidade, um problema de palpitante interêsse como o do povoamento do Nordeste.

E, como nada mais houvesse a tratar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, tendo eu, segundo secretário, João Hipólito, lavrado a presente ata, que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 22 DE ABRIL DE 1969

Aos vinte e dois dias de abril do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua segunda sessão plenária ordinária referente àquele mês. Foi presidida por seu Presidente General Dr. Carlos Studart Filho e secretariada pelo segundo-secretário João Hipólito Campos de Oliveira, tendo comparecido, além dêsses 2 diretores, os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves de Andrade, Geraldo da Silva Nobre, José Aurélio Saraiva Câmara, Luís Sucupira e Luís Teixeira Barros, ao todo 8 (oito) associados, e bem assim o diretor de secretaria José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário procedeu à leitura da ata da sessão anterior a qual foi aprovada com um adendo do Sr. Presidente relativo às declarações que então fizera e que não figuravam no documento lido. Tecera êle, com efeito, em plenário, considerações a respeito das dificuldades que se antolham ao pesquisador para escrever a história do povoamento do Ceará. Dissera, ainda, que fôra, inicialmente, incumbido de redigir a monografia relativa àquele tema, e constante do Plano da Grande História do Ceará, elaborado, desde muito, pelo Instituto. Tendo, porém, transferido residência para o Rio, foi o encargo cometido ao Dr. Renato Braga que se propusera realizá-lo. Infelizmente, disse o Presidente, não pôde levar por diante a tarefa porque ela sòmente será exeqüível quando se houver escrito antes a história dos municípios.

Foi lido, depois, o expediente, que constou dos livros entrados na biblioteca e da correspondência recebida e enviada pelo Instituto, no período de 7 de abril até esta data.

O Sr. Presidente comunicou que o historiador José Honório Rodrigues tinha visitado o Instituto, havendo prometido voltar ao Ceará e fazer, nesta outra ocasião, uma visita mais demorada à nova sede.

O consócio José Aurélio deu seu testemunho de que José Honório tinha considerado a atual sede do Instituto do Ceará a melhor de tôdas as organizações congêneres do Brasil.

Luís Sucupira cientificou à casa de que a comissão designada para visitar o consócio Fernandes Távora, da qual fazia parte, o havia visitado, encontrando-o restabelecido e já em sua residência. O Sr. Presidente ressaltou que havia visitado, igualmente, Fernandes Távora, bem como Denizard Macedo.

Luís Sucupira deu ciência, ainda, de que Martinz de Aguiar receberá, no dia 30 de maio, o diploma de Doutor **Honoris Causa** pela Universidade do Ceará.

O Sr. Presidente tratou, a seguir, de seus entendimentos com o reitor Fernando Leite, que lhe prometeu assinar o convênio da Universidade com o Instituto e lhe pediu providenciasse a retirada da tipografia para a construção a ela destinada no prédio da Praça do Carmo. Ocupou-se, logo depois, da revista, cujo número correspondente ao ano de 1968 disse que já está completo, faltando apenas o artigo de abertura, que podia ser o de Hugo Catunda sôbre a Princesa de Goiás.

Facultada a palavra, usou-a José Aurélio para solicitar do Sr. Presidente que examinasse atentamente, com as luzes que lhe são peculiares, a questão da prioridade no descobrimento do Brasil. José Aurélio salientou que o repto fôra feito, o dardo havia sido lançado, mas que o Instituto não tinha apresentado ainda uma solução compatível com o seu conceito. Afirmou que essa saída de subterfúgios, que êsse processo de engavetamento não ficava bem para uma instituição da importância e da responsabilidade do Instituto do Ceará. Adiantou que Mozart Soriano Aderaldo tinha pedido vistas do parecer; que êle, Aurélio, se manifestara contra êsse recurso e que aquêle consócio não havia comparecido à presente sessão, pelo que não se podia tomar decisão final. Concluiu dizendo que, se a presidência entender que o assunto devia ser encerrado, estava de acôrdo, mas achava que não podia deixar de dar uma decisão, favorável ou não.

O Sr. Presidente pronunciou-se sôbre o assunto, a que chamou de explosão de revisionismo Histórico, afirmando que uma questão só pode ser retomada quando se descobrem fatos novos, documentos inéditos. Mostrou que, por culpa dos governos de Brasil, de Portugal e Espanha, como observara Parsifal Barroso, há muita dificuldade em se penetrar mais fundo no problema, já objeto, aliás,

de um dos seus trabalhos, em que aceitou a vinda anterior de Pinzón. Todavia, sublinhou o Sr. Presidente, se tiver sido Pinzón o antecessor de Cabral, é preciso fixar, com exatidão, o local de sua chegada. Asseverou que tinhamos cousas novas a debater, relembrando a idéia do próprio José Aurélio para que o Instituto promovesse uma série de conferências de natureza cultural. E finalizou: "Nós poderíamos tratar do estruturalismo na história, por exemplo, da dinâmica de grupos, que são temas de sociologia, mas que temos a obrigação de ventilar. Não podemos perder tempo com assunto obsoleto, com tema morto, que está levando o Instituto ao ridículo."

José Aurélio voltou a falar para dizer que o Instituto não devia temer ridicularias, citando o fato de que muitos escritores que tentaram ridicularizar a Academia Brasileira de Letras nela ingressaram posteriormente, sem o receio de se tornarem ridículos... Declarou mais que o Instituto precisava responder às indagações que o assunto, diretamente vinculado aos seus fins, vinha suscitando em todos os meios, como provava o noticiário e a correspondência recebida por esta instituição.

O Sr. Presidente esclareceu que, se comparecer à sessão para a discussão e votação do Parecer, não a presidiria, pela posição que tomou, desde os primeiros momentos, com relação ao problema, passando a direção dos trabalhos ao seu substituto.

José Aurélio retornou ao debate para protestar, mais uma vez, contra o destino que se quer dar ao assunto, enfatizando que êste não devia ter uma morte melancólica numa sarjeta mas um fim condigno, à altura de seu valor.

Carlos Studart interferiu para lamentar que tenha morrido o plano da Grande História do Ceará, ao que José Aurélio objetou que, infelizmente, o Instituto não estava equipado com uma estrutura que pudesse fazê-lo funcionar e que pesquisa, como todos sabiam, era uma cousa rara.

O Sr. Presidente sugeriu a redação de uma nota a respeito do assunto, tendo José Aurélio declarado que não lhe competia escrevê-la, porque assim seria agir a priori, mas à presidência, em função da decisão aprovada pelo plenário.

Francisco Alves chamou a atenção de seus colegas para a publicação em memória de Renato Braga, a qual já havia distribuído entre êles. Solicitou do Sr. Presidente que desse por lançado oficialmente o livro que tinha por finalidade comemorar o 50.º aniversário da Escola de Agronomia, ligando-a àquele que tudo fêz pelo ensino agronômico, que foi seu consolidador — Renato Braga.

O Sr. Presidente, após ressaltar que Renato Braga, nos setores que perlongou, estêve sempre nas culminâncias, destacou a atuação de Francisco Alves, elogiando o seu espírito de gratidão e pondo em relêvo seu devotamento à cultura agronômica.

Em seguida, Luís Teixeira Barros informou à casa a passagem, no dia da sessão, do aniversário de Mozart Soriano, requerendo, em sua homenagem, um voto de congratulações, que foi aprovado por unanimidade.

Luís Sucupira fêz entrega à presidência de um exemplar do Diário Oficial da União, contendo os bens tombados até 1968 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entre os quais figuram alguns que o Instituto tem sob sua guarda. Deu conhecimento, aos presentes, de uma matéria publicada por um jornal católico, em que se dizia que Colombo não era genovês e sim um pirata gascão.

Geraldo da Silva Nobre lembrou, em face das citações dos nomes de Pinzón e Cabral e, agora, de Colombo, o 5.º centenário do nascimento, a transcorrer no próximo dia 31 de maio, de D. Manuel, que foi o rei das Grandes Navegações.

Encarregado da Efeméride, Antônio Gomes de Freitas rememorou alguns fatos históricos que o mês de abril assinalava.

E, como nada mais houvesse a discutir nem a aprovar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, tendo eu, João Hipólito, lavrado a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 5 DE MAIO DE 1969

Aos cinco dias de maio de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, na sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira ses-

são plenária ordinária referente a êste mês. Na ausência do Presidente e do Vice-Presidente, assumiu a presidência o secretário-geral Mozart Soriano Aderaldo, tendo servido de 2.º secretário o titular João Hipólito Campos de Oliveira. Além dêsses diretores, compareceram à reunião os sócios efetivos Francisco Alves e Zélia Camurça e os sócios eleitos e ainda não empossados Geraldo Nobre e Antônio Gomes de Freitas, ao todo 6 (seis) associados, bem como o diretor de secretaria José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário procedeu, inicialmente, à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas, e, depois, à do expediente, tendo êste constado dos livros entrados na biblioteca e da correspondência recebida e enviada pelo Instituto no período de 22 de abril a 5 de maio.

O presidente Mozart Soriano Aderaldo reafirmou que pediu vistas do Parecer da comissão sôbre o problema da anterioridade do descobrimento do Brasil, porque queria voltar com o maior conhecimento de causa e não com objetivos meramente protelatórios. Adiantou que, além do brilhante parecer que leu, teve ocasião de ouvir o voto admirável de Luís Sucupira, e, como não tinha, naquela oportunidade, formado opinião a respeito, havia tomado aquela atitude, que lhe parecera a mais acertada. Agora, entretanto, Mozart Soriano Aderaldo assinalou que julgava já se achar em condições de votar e, diante disso, não havia porque deixar de fazê-lo pùblicamente. Declarava por isso que, apesar dos subsídios preciosos de Pompeu Sobrinho na **Proto-História do Ceará**, que êle aceitou e aceita ainda como válidos, conforme acentuou naquela oportunidade e na nota que escreveu para o livro de Araripe, e não obstante os elementos novos, de não menor valor, trazidos pela Comissão, que discordava em parte de Pompeu Sobrinho, bem como da crítica judiciosa de Luís Sucupira, continuava a defender seu ponto de vista anterior. Todavia, como se tratava de matéria polêmica suscetível de novas luzes, novas análises, novos esclarecimentos, que algum companheiro pudesse trazer a respeito, frisou o presidente da sessão que votava no sentido de que o Instituto, antes de qualquer manifestação decisiva em tôrno do caso, publicasse, em sua **Revista**, o bem elaborado Parecer da Comissão encarregada, a crítica sensata de Luís Sucupira e outros elementos novos que possam ainda aparecer sôbre o assunto, a fim de que, depois disso, venha o Instituto a manifestar-se, oficialmente, sôbre o tema. E acrescentou: "Antecipei-me a proferir meu voto para que não se diga que minha intenção era procrastinar a solução do problema, que meu desejo era retardar o pronunciamento do Instituto. Concluiu suas declarações demonstrando, com a **Revista do Instituto de 1967**, que tinha em mãos, serem improcedentes quaisquer críticas que se fizessem sôbre sua assiduidade às sessões, pois no ano de 1966, como se verificara do resumo das atividades da Casa, organizado pelo presidente Carlos Studart e publicado naquele número do órgão do Instituto, no ano de 1966 compareceu a 18 dentre as 24 sessões e, no de 1967, a 14 dentre as 24, e, se a mais não havia comparecido em 1967, era porque então ocupava a Secretaria de Administração. Todavia, aquêle número relativo a 1966 sòmente havia sido ultrapassado pelo saudoso consócio Andrade Furtado, que comparecera a 20 sessões em 1966.

A seguir, Mozart Soriano apelou para os sócios já eleitos, que se encontravam presentes, os srs. Geraldo da Silva Nobre e Antônio Gomes de Freitas, no sentido de que realizassem logo suas posses, que deviam ser solenes. Tomava a liberdade de lembrar, respectivamente, as datas de 21 de junho e de 20 de julho para a sua realização, embora a palavra final coubesse ao presidente Carlos Studart, com quem ambos deviam entender-se a respeito.

Na parte de comunicação, D. Zélia Camurça anunciou que estavam lançando uma **História do Brasil em Quadrinhos** e que pretendia passar alguns dêles, para apresentação aos consócios. Adiantou que Francisco Alves vinha preparando, ao que soubera, uma coleção de slides para utilizá-los em suas palestras e, por isso, lhe sugeria que realizasse uma delas, também ilustrada para o Instituto. Em seguida, D. Zélia Camurça disse que havia pensado em fazer uma apreciação sôbre o plano estratégico de desenvolvimento do govêrno Costa e Silva. Indagava dos companheiros se essa sua idéia era interessante, tendo Mozart Soriano, como presidente da sessão, lhe respondido que servia para sua resposta da opinião auto-

rizada de José Honório Rodrigues sôbre a história: ela é, inclusive, o estudo do presente.

Mozart Soriano aduziu que a lembrança de D. Zélia Camurça de passar os slides era perfeitamente válida, o que foi reconhecido, também, pelos demais sócios. E concluiu: "Nós estamos participando do processo histórico da atualidade. Não nos encontramos deslocados noutra Galáxia."

D. Zélia Camurça requereu ainda um voto de regozijo, que foi aprovado por unanimidade, com Francisco Alves, pelo trabalho que vinha realizando, e entregou, depois, à mesa, para fins de publicação, a moção que leu na sessão de 7 de outubro de 1968, de congratulações, ao presidente Carlos Studart Filho.

D. Zélia Camurça, que era a encarregada da Palestra, deixou de fazê-la em virtude do adiantado da hora e para tender aos apelos dos presentes, que lhe solicitaram o adiamento para a próxima sessão, quando compareceria o Sr. Presidente a que estaria presente maior número de sócios.

E, como nada mais houvsse a discutir nem a aprovar, foi encerrada a sessão, tendo eu, João Hipólito, segundo secretário, lavrado a presente ata, que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 20 DE MAIO DE 1969

Aos vinte dias do mês de maio de 1969, às 20 horas, no salão nobre, realizou o Instituto do Ceará uma sessão ordinária solene, destinada a recepcionar o escritor e historiador português Jaime Raposo Costa, que veio pronunciar uma conferência sôbre a estruturação da juventude cultural lusitana.

Compareceram à sessão, além do presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, os consócios Luís Sucupira, José Aurélio Saraiva Câmara, José Parsifal Barroso, José Bonifácio de Sousa, Raimundo Girão, Clodoaldo Pinto, Antônio Gomes de Freitas, José Denizard Macedo, além dos convidados: Carlos d'Alge, mons. André Viana Camurça, Antônio Andrade e Moura, José Alcides Pinto, Daisy Andrade, Joaquim Miranda P. de Andrade, João Andrade Ponte, Eduardo Diatay B. de Menezes, Fernanda Maria de Castro Câmara, Ivany Sousa Leitão, Fernanda de Castro, Marialine d'Alge, Maria do Socorro Barbosa, Kelmo Felício, Maria Célia Guabiraba, Pedro Alberto de Oliveira, Eduardo Costa Mesquita, Edson Brasil, Aurízio Gomes Cajazeiras, Tomás Edson de Aguiar, Gilberto Bezerra Dantas, José Célio Cavalcante Fonteles, frei Vítor Carneiro, João Pompeu de Sousa Brasil, Antônio Baima, Vandik Ponte, José Osvaldo de Araújo, e outros.

Abrindo a reunião, o Presidente explicou a finalidade particular da mesma, pedindo ao professor Carlos d'Alge, diretor do Centro de Cultura Portuguêsa da Universidade Federal do Ceará, para fazer a apresentação do distinto conferencista, anunciando o seu **curriculum vitae** e destacando a sua atuação no mundo cultural português, a ponto de ser designado para ocupar uma cadeira no Centro de Cultura Portuguêsa da U. F. C.

Passando a usar da palavra, o Dr. Jaime Raposo Costa, discorreu durante uma hora, sôbre a situação do atual pensamento filosófico, português em face de uma interpretação mais realista da história, rememorando os feitos da gente lusitana em face das imposições do tempo dos descobrimentos e mostrando como foi importante a influência da vida económica nas viagens marítimas da idade renascentista.

Encerrada a conferência, com muitos aplausos, o Presidente enalteceu a fala do jovem estudioso das coisas históricas portuguêsas, tecendo algumas considerações oportunas sôbre as idéias apresentadas.

Como nenhum dos presentes desejasse fazer outros comentários ou usar da palavra para fins outros, foi encerrada a sessão, tendo, antes, o Presidente agradecido o comparecimento das distintas pessoas presentes, destacando-se os senhores Secretário da Educação e da Cultura e o Cônsul de Portugal.

Para constar, eu, Luís Sucupira, secretário **ad hoc**, na ausência do titular,, lavrei a presente ata, que, assinada e achada conforme, levará a assinatura dos presentes.

SESSÃO DE 4 DE JUNHO DE 1969

Aos quatro dias de junho do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às 16 horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira sessão plenária ordinária referente a êste mês. Presidiu-a seu Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, sendo secretariado pelo segundo secretário João Hipólito Campos de Oliveira. Além dêsses diretores, compareceram à reunião os srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves de Andrade, Geraldo da Silva Nobre, José Sobreira de Amorim, Luís Sucupira, Mozart Soriano Aderaldo, Osvaldo Riedel e Zélia Camurça, ao todo 10 (dez) associados, além do diretor de secretaria José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário procedeu, inicialmente, à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas e, depois, à do expediente, tendo êste constado de correspondência enviada e recebida pelo Instituto e dos livros entrados na biblioteca, no período de 21 de maio a 4 de junho.

O Sr. Presidente trouxe ao conhecimento dos sócios uma série de fatos, todos de interêsse do Instituto, tais como:

1. Realização, pela Secretaria de Educação do Município de Fortaleza, de um Curso de Cultura Brasileira, o qual foi iniciado por um de nossos companheiros — o Dr. Parsifal Barroso;

2. a condecoração com a Medalha do Pacificador, dos nossos companheiros José Aurélio Saraiva Câmara, José Denizard Macêdo de Alcântara e Manuel Eduardo Campos;

3. a aposição, numa das salas do Instituto, do retrato do Magnífico Reitor Fernando Leite, a quem esta casa muito deve, numa homenagem merecida no dia de seu aniversário, durante a qual falaram Luís Sucupira e o homenageado, em agradecimento;

4. o pedido de indicação de três nomes de sócios do Instituto para a Universidade do Ceará, tendo a lista sido integrada dos consócios presidente, secretário e tesoureiro;

5. a concessão de título de Doutor **Honoris Causa** pela Universidade do Ceará, ao nosso consócio Antônio Martinz de Aguiar e Silva;

6. a comunicação da existência no Brasil de um grupo de muçulmanos com três mesquitas, sendo uma delas no Ceará;

7. uma indagação à comissão indicada pelo Instituto, a pedido do Sr. Prefeito, para o estudo da nomenclatura das ruas de Fortaleza, sôbre suas reuniões.

Quanto aos muçulmanos existentes no Brasil, o consócio Osvaldo Riedel adiantou que, de seu conhecimento, houve alguns grupos no Brasil, especialmente na Bahia.

No tocante ao trabalho da comissão de estudos da nomenclatura das ruas de Fortaleza, o 2.º secretário João Hipólito, que a integra, informou que ela já se havia reunido na Secretaria de Cultura, sendo eleito presidente o consócio Raimundo Girão.

Concedida a palavra, usou-a Amorim Sobreira para agradecer a visita que, em companhia do diretor de secretaria José Osvaldo de Araújo, lhe fizera o presidente Carlos Studart. Êste esclareceu que o havia procurado não só para visitá-lo, mas também para pedir-lhe uma colaboração para a revista do Instituto.

D. Zélia Camurça agradeceu ao consócio Amorim Sobreira a distribuição do seu livro **Humanidade e Cultura**, com honrosa dedicatória, entre os membros do Instituto. Comunicou, ainda, a realização, esta noite, de uma conferência a ser dada por Eugênio Gudin, que tinha vindo ao Ceará para receber as homenagens do govêrno do Estado e da Prefeitura de Redenção.

Mozart Soriano Aderaldo pediu que constasse seu nome na lista dos presentes à sessão do dia 20 de maio.

Geraldo da Silva Nobre lembrou a passagem, êste ano, do cinqüentenário da fundação do Colégio Militar, do Dispensário dos Pobres e do Centro Industrial de Fortaleza, êste fundado por Tomás Pompeu.

Encarregada da Palestra, que havia sido adiada da sessão anterior para a atual, falou D. Zélia Camurça, focalizando o problema do ex-aluno. Deu o depoimento do general Carlos Cordeiro de Almeida sôbre as festividades do Colégio Militar —

estabelecimento que valoriza seus antigos discípulos. Lamentou que, na reforma universitária, na composição do seu conselho, que será constituído de representantes de diversas classes, não faça parte um ex-aluno.

Mozart Soriano Aderaldo disse que era membro do Conselho Universitário quando o tema ventilado por D. Zélia Camurça — "ex-aluno" — tinha sido discutido — razão por que podia prestar esclarecimentos, como o fazia a êsse respeito: Mozart Soriano achou a palestra de D. Zélia Camurça muito interessante, lastimando apenas que ela não tivesse sido proferida antes da publicação dos estatutos da Universidade.

Osvaldo Riedel frisou que nada tinha a acrescentar ou a tirar ao trabalho de D. Zélia Camurça, demorando-se em felizes e oportunas considerações sôbre o ex-aluno, especialmente o do Colégio Militar.

O Sr. Presidente ressaltou o significado da Palestra de D. Zélia Camurça, sôbre a qual já se haviam pronunciado em temas que considerava merecidos, os colegas Mozart Soriano Aderaldo e Osvaldo Riedel.

D. Zélia Camurça estendeu, finalmente, seus agradecimentos pela atenção que dispensaram ao seu trabalho e pelas referências elogiosas com que a distinguiram os colegas Mozart Soriano, Osvaldo Riedel e o presidente Carlos Studart.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, tendo eu, segundo secretário, João Hipólito, lavrado a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 20 DE JUNHO DE 1969

Aos vinte dias do mês de junho do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua segunda sessão plenária ordinária referente àquele mês. Presidiu-a seu Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, sendo secretariada pelo segundo secretário João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram também à reunião os srs. Antônio Gomes de Freitas, Geraldo da Silva Nobre, José Denizard Macedo de Alcântara, Luís Sucupira, Manoel Albano Amora, Osvaldo de Oliveira Riedel e Zélia Sá Viana Camurça, ao todo 9 (nove) associados, além do diretor de secretaria José Osvaldo de Araújo.

A ata da sessão anterior foi aprovada com duas emendas, uma do consócio Geraldo da Silva Nobre e outra do presidente Carlos Studart Filho. Êste disse que, quando focalizara o problema dos muçulmanos no Brasil, o fizera em virtude de uma notícia de jornal, que tinha lido, dizendo haver três mesquitas no Nordeste, sendo uma no Ceará; a segunda em Pernambuco e a terceira noutro local. Daí haver indagado dos colegas se qualquer dêles tinha conhecimento do fato. Geraldo da Silva Nobre solicitou o acréscimo relativo à sua proposta para que aquela reunião, em que Amorim Sobreira havia distribuído **Humanidade e Cultura** aos seus companheiros, fôsse considerada a do lançamento oficial de seu livro.

O segundo secretário procedeu, em seguida, à leitura do expediente, que constou da correspondência recebida e enviada pelo Instituto, bem como dos livros entrados na Biblioteca, de 4 de junho a êste dia.

O Sr. Presidente deu ciência à Casa de que adotou a praxe de notificar os sócios das homenagens que lhes forem prestadas nas sessões. Nesse sentido, mandou comunicação aos consócios José Aurélio Câmara, José Denizard Macedo e Manuel Eduardo Pinheiro Campos, de que o Instituto se associara às manifestações que êles tinham recebido quando da outorga da "Medalha do Pacificador".

O Sr. Presidente declarou ainda que se sentia na obrigação de trazer ao conhecimento de seus pares os fatos ocorridos entre a penúltima e a atual sessão, cujos principais foram:

1) Visita ao Instituto de Bill Chandler ,americano que estêve anteriormente no Ceará, estudando a vida dos Inhamuns, que foi tema de sua tese, defendida perante a congregação de uma universidade dos Estados Unidos.

O Sr. Presidente frisou que lhe havia solicitado uma conferência para o Instituto sôbre o assunto de sua especialização, tendo o visitante alegado que não podia fazê-la desta vez, porque sua permanência em Fortaleza seria muito rápida.

2) Visita, em companhia do tesoureiro Luis Sucupira, ao Magnífico Reitor Fernando Leite, com quem trataram da questão da tipografia, da obtenção de publicações para a biblioteca e da designação de estagiários (bibliotecárias) para o Instituto.

Informou que a Bibliotecária do Instituto teve de ausentar-se e que Hilzanir Cals de Abreu, que já prestara serviços à biblioteca do Instituto, aquiescera em voltar às suas antigas atividades, desde que pudesse contar com a ajuda das duas estagiárias.

Adiantou que êle e o tesoureiro não tinham conseguido a assinatura do Convênio, porque o Pró-Reitor Para Assuntos Financeiros, prof. Prisco Bezerra, estava viajando.

Finalizou suas comunicações, tôdas de importância para o Instituto, declarando que tinha uma notícia auspiciosa a dar: a revista de 68 fôra entregue à Imprensa, havendo o Reitor recomendado ultraprioridade.

O consócio Gomes de Freitas pediu permissão para anunciar também, uma boa-nova: a investidura do presidente Carlos Studart Filho no lugar de correspondente no Ceará do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O Sr. Presidente agradeceu essa prova de atenção, acrescentando que, no dia anterior, um seu colega, o Dr. Albano Amora, havia solicitado, co mo apoio dos demais, que figurasse, na resenha dos trabalhos daquele órgão cultural, a honraria com que fôra distinguido. Carlos Studart ressaltou que essa distinção muito o surpreendera, porque, de há muito, o Instituto Brasileiro não tinha correspondentes no Ceará, tendo sido o último, o Barão de Studart, falecido em 1935.

Ao passar à parte da Efeméride e da Palestra o Sr. Presidente salientou que seus encarregados não estavam presentes e que Parsifal Barroso, incumbido de uma delas, não tinha podido comparecer, havendo pedido o seu adiamento para a próxima reunião, quando falaria sôbre o centenário da Casa Boris.

Facultada a palavra, usou-a a Dra. Zélia Camurça para lembrar a palestra, que, nesta noite, realizaria na Jornada de Cultura, do consócio Florival Seraine; e também a inauguração, no mesmo dia, da exposição sôbre a evolução da educação no Brasil, levada a efeito por um professor da Universidade do Ceará, com a colaboração de seus alunos; fêz referência ainda à posse, na presidência do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, de uma senhora, D. Edite Mendes da Gama Abreu e a passagem, no dia 17 de junho, do aniversário natalício do presidente Carlos Studart Filho, além da evocação do transcurso, no dia 13, do primeiro ano do falecimento de Renato Braga.

Denizard Macedo, mostrando ter em mãos o ofício do Instituto, a que se referira o Sr. Presidente, de congratulações pelo recebimento da "Medalha do Pacificador", agradeceu o testemunho de aprêço de seus colegas, de que êle fôra o intérprete. Estendeu-se em considerações sôbre a Medalha do Pacificador, assinalando que ela fôra instituída em honra ao patrono do Exército, Duque de Caxias, e que correspondia à Medalha da Ordem da Rosa, no Império. Denizard Macedo juntou que, êste ano, havia sido honrado, também, com a Medalha de Trompowski, como professor do Colégio Militar e, anteriormente, da Escola Preparatória.

Geraldo da Silva Nobre comunicou que o consócio Raimundo Girão estava enfêrmo numa Casa de Saúde, tendo solicitado a designação de uma comissão para visitá-lo.

O Sr. Presidente observou que quis visitá-lo, mas a família de Raimundo Girão pediu-lhe que a adiasse, esperando poder fazê-la amanhã ou depois, em nome do Instituto.

Geraldo da Silva Nobre aludiu, finalmente, a uma nota do Correio da Manhã, a qual chamava a atenção das autoridades para a situação da biblioteca de Capistrano de Abreu. Salientou ainda que êste fato tinha relação com outro, já ventilado pelo consócio Manoel Albano Amora, sôbre o estado da Casa e dos Livros de Clóvis Bevilaqua. Acreditava que o Instituto do Ceará podia formular um apêlo às autoridades competentes para que não se perca êsse patrimônio que constitui o lastro cultural de Capistrano de Abreu.

Em resposta a Geraldo da Silva Nobre, disse Carlos Studart Filho que o melhor caminho era o Instituto dirigir-se ao Conselho da Secretaria de Cultura, sugerindo

sua interferência junto ao Conselho Federal de Cultura, em defesa das bibliotecas de Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua.

Manifestaram-se, ainda, em tôrno do assunto, Denizard Macedo e Geraldo da Silva Nobre, ambos lastimando o plano secundário a que geralmente são relegadas nossas instituições culturais.

Denizard Macedo ressaltou que a Cultura, parte do M.E.C., era a enteada dêsse Ministério, encontrando-se, infelizmente, as nossas bibliotecas sem condições e os museus quase abandonados.

Geraldo da Silva Nobre, em aditamento, lamentou que a Cultura fôsse considerada "cousa para rico", quando um país, como Gana, lhe dispensava os melhores cuidados, sendo a sua biblioteca um dos edifícios mais imponentes do país.

Por último, Carlos Studart teceu considerações a respeito dos Institutos, como o do Ceará, assegurando que todos, ao que soubera, atravessavam momentos difíceis e que alguns tinham tido necessidade para sobreviver, de acostar-se ao I.B.G.E.. E concluiu: "O Instituto do Ceará constitui-se uma exceção e está vivendo, porque a Universidade o tomou sob sua égide."

E, como nada mais houvesse a discutir nem a aprovar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, da qual eu, João Hipólito Campos de Oliveira, lavrei a presente ata que, se achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 4 DE JULHO DE 1969

Aos quatro (4) dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e nove (1969), em sua sede social, reuniu-se o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) em sessão oldinária, convertida em solene, como a seguir será explicado. Os trabalhos foram abertos pelo primeiro secretário João Hipólito Campos de Oliveira, que salientou o caráter solene da sessão, por haver sido decidido, na anterior, nela presta-se homenagem à firma Boris Frères, de grande atuação no Ceará, por motivo do primeiro centenário de sua fundação; e leu bilhete do Presidente, general Carlos Studart Filho, lamentando a impossibilidade de comparecer. Em seguida, o consócio João Hipólito convidou o consócio José Bonifácio de Sousa, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, para assumir a presidência de honra da sessão; e os Exmos. Srs. Bertrand Alphonse Boris, sócio-chefe da firma Boris Frère, e General Oscar Jansen Barroso, Comandante da 10.ª Região Militar, para comporem a mesa. A fim de secertariar os trabalhos, convocou o consócio Geraldo da Silva Nobre.

Assumindo a presidência, o Dr. José Bonifácio expressou que o objetivo principal da sessão era o de associar o Instituto às comemorações do primeiro centenário da Casa Boris, e deu a palavra ao consócio José Parsifal Barroso para discorrer sôbre a efeméride em questão. Com a palavra, o orador disse que sòmente no Instituto, onde se cultuam as tradições do Ceará, seria possível assinalar devidamente uma comemoração tão expressiva, afirmando que iria dar a conhecer aos presentes os resultados das pesquisas feitas nos Arquivos da própria Casa Boris, dada a compreensão de seu atual titular, sr. Bertrand Boris. Salientou que, pela primeira vez na vida econômica do Estado, se comemora o centenário de uma firma comercial com perfeita continuidade relativamente à família de seus titulares sucessivos, o primeiro dos quais, Teodoro Boris, chegou a Fortaleza em 1869, fundando nesse mesmo ano a firma, agora centenária, com seu irmão Alphonse. A êsses vieram juntar-se os outros irmãos e os gêmeos Adrian e Achille. Chegando ao Ceará, porque logo adquiriram amor à terra que os acolhera, não se limitaram a obter vantagens da importação de artigos franceses, procurando desde logo incentivar as exportações de produtos cearenses, incluindo madeiras, como a tatajuba e o pau-violeta, e até penas de ema, cascos de tartaruga, etc. Como obras pioneiras daqueles irmãos de naturalidade francesa, o consócio Parsifal Barroso citou o projeto da Estrada de Ferro da Ibiapaba, que foi também de colonização, ao contrário de outros da mesma época registrados no Ceará; o ensaio de emprêsa agro-industrial, consubstanciando na aquisição de uma máquina desfibradora, em 1887, para aproveitamento do caule da bananeira e de agave; o aproveitamento da energia hidrelétrica do rio Pacoti; a introdução de processos de sombreamento em terrenos destinados à lavoura cafeeira: o serviço de conten-

cioso para a defesa legal dos interêsses da firma etc. Outros aspectos ressaltados foram: a atenção dada pela Casa Boris ao comércio da capital com a Zona Norte do Estado e com os portos do litoral setentrional do Brasil; a função bancária desempenhada pelo referido estabelecimento, suprindo de numerário ao próprio Govêrno Cearense; a instituição de uma agência de seguros marítimos; a importação de máquinas para crepagem da borracha etc. Lembrou o consócio Parsifal Barroso que em sua viagem ao Ceará o Conde D'Eu se hospedou na fazenda "Nancy", de propriedade da família Boris. Em continuação, ressaltou que a firma em aprêço ainda agora desenvolve atividades consideráveis em benefício da economia cearense, e que há muito o que meditar sôbre as razões de seu comportamento, no século XIX. Vários outros fatos foram objeto de menção, ensejando comentários realmente eruditos do orador. Concluiu o consócio Parsifal Barroso ser da mais alta justiça a homenagem que o Instituto estava prestando. Após prolongados aplausos, o Sr. Presidente deu a palavra ao consócio Geraldo da Silva Nobre, que leu uma indicação propondo que o Instituto se dirigisse ao Exmo. Sr. Governador do Estado sugerindo a concessão da Medalha da Abolição à firma centenária. Posta em votação, a indicação foi aprovada por unanimidade. Facultada a palavra, o Sr. Bertrand Boris, em nome da Família e da firma, agradeceu a homenagem, com palavras repassadas de emoção. Continuando facultada a palavra, e ninguém mais querendo falar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão de que, devidamente autorizado, lavrei esta Ata.

SESSÃO DE 21 DE JULHO DE 1969

Aos vinte e um (21) de julho de mil novecentos e sessenta e nove (1969), segunda-feira, às 16 horas, estando presentes no Instituto do Ceará os sócios efetivos Manuel do Nascimento Fernandes Távora, José Bonifácio de Sousa e José Denizard Macedo de Alcântara e os eleitos, Geraldo da Silva Nobre, general Osvaldo de Oliveira Riedel e Antônio Gomes de Freitas, foi o primeiro daqueles aclamado para dirigir os trabalhos da sessão ordinária, realizada de conformidade com os dispositivos estatutários. Também estava presente o secretário executivo do Instituto, sr. José Osvaldo de Araújo, que comunicou haver o presidente da Entidade, general Carlos Studart Filho, avisado a impossibilidade do seu comparecimento, por motivo de saúde. Igualmente à falta de outros membros da Diretoria, o sr. Geraldo da Silva Nobre foi designado para secretariar os trabalhos.

Procedida a leitura da ata da sessão de 4 de julho, e posta em discussão o consócio José Bonifácio de Sousa pediu informações acêrca de assunto deliberado na sessão anterior, dando o Senhor Presidente a palavra ao Secretário Executivo, para a prestação de esclarecimentos, o que foi feito. O dito consócio lamentou não poder o assunto ficar melhor esclarecido na ocasião, em face da ausência do Presidente do Instituto.

Em seguida à aprovação da ata da sessão anterior, que nenhuma outra objeção encontrou da parte dos presentes, o Secretário deu a conhecer a relação das publicações recebidas pelo Instituto na quinzena, bem como o expediente, constante de ofício expedidos e recebidos, nada havendo a destacar como de maior importância.

Na parte de comunicações, o consócio José Bonifácio de Sousa cientificou aos presentes que mantivera entendimentos com o Exmo. Sr. Prefeito Municipal de Fortaleza, tendo em vista a colocação de uma herma fiel do boticário Antônio Rodrigues Ferreira na praça central da cidade, sôbre cuja remodelação teceram comentários o consócio Denizard Macedo e os sócios eleitos general Osvaldo Riedel e Gomes de Freitas, salientando o primeiro dêsse que o assunto já fôra objeto de considerações de sua parte em reunião do Conselho Estadual de Cultura.

O Secretário **ad hoc** comunicou que: o Instituto congênere da Bahia festejara o seu 75.º aniversário de fundação no dia 13 de maio dêste ano; o general Umberto Peregrino, presidente do Instituto Nacional do Livro, estava sendo esperado nesta Capital; e o padre Francisco de Assis Couto, historiador sócio efetivo do Instituto Cultural do Cariri, prosseguia em seus estudos sôbre a história colonial do Ceará, não obstante estar enfêrmo; e, em sua estada recente, na cidade de Iguatu, fizera uma visita de intercâmbio a êsse estudioso. O Presidente da reunião infor-

mou que recebera carta do padre Francisco de Assis Couto comunicando a enfermidade de que estava padecendo.

Na ordem do dia, falou inicialmente o consócio José Denizard, apresentando um estudo sôbre as causas da Revolução Francesa, que foram por êle analisados percucientemente; e, depois, o general Osvaldo Riedel, a quem coube referir-se ao empolgante feito da astronáutica dos Estados Unidos, atingindo a suprfície lunar, pela primeira vez pisada por séres humanos, no dia 20 de julho último. Aludiu ao "complexo de Anteu", de acôrdo com o qual o homem sòmente seria forte pisando o solo terrestre, e que o feito em questão acabava de destruir; bem como citou a frase do astronauta Armstrong: "O pequeno passo do homem na Lua significa uma gigantesca caminhada da humanidade" e abordou a questão tecnológica do ponto de vista humano, inclusive a necessidade de reformulação de certas expressões até agora empregada com relação ao satélite da Terra, acabando por solicitar fôsse consignado em ata um voto de regozijo pelo acontecimento em aprêço.

O consócio José Bonifácio de Sousa voltou a usar da palavra, discorrendo sôbre o simbolismo e o valor artístico da escultura ora existente na Cidade da Criança, em Fortaleza, representando a integração do índio na cultura nacional, e que foi doada pelo Govêrno do Pará ao do Ceará, em retribuição pela contribuição dos cearenses para o desbravamento da Amazônia. Externou a opinião de que referida peça deveria ser deslocada para a Barra do Ceará, onde ficaria mais localizada em acòrdo com seu caráter simbólico.

De acôrdo com as proposições apresentadas, e que foram aprovadas por unanimidade dos presentes, ficou decidido que: o Instituto telegrafará ao congênere da Bahia, apresentando felicitações pelo transcurso do 75.º aniversário de sua fundação; igualmente se dirigiria ao monsenhor Couto, desejando-lhe melhoras de saúde; procuraria entendimentos diretamente com o presidente do Instituto Nacional do Livro para maior intercâmbio entre as duas entidades; e encaminharia ao Prefeito Municipal de Fortaleza as sugestões acêrca do monumento ao boticário Ferreira e da figura do índio doada ao Ceará pelo Govêrno do Pará.

Nada mais lavendo a tratar, foram encerrados os trabalhos desta reunião pelo presidente Manuel do Nascimento Fernandes Távora, que se congratulou com os consócios Denizard Macedo e Osvaldo Riedel pelo brilho de suas palestras, e com os demais pelas sugestões apresentadas.

SESSÃO DE 4 DE AGÔSTO DE 1969

Realizou-se, no dia 4 de agôsto de 1969, à hora e local de costume, mais uma sessão ordinária do Instituto do Ceará, sob a presidência do general Carlos Studart Filho, funcionando Luís Barros, como Secretário ad hoc.

Compareceram Luís Sucupira, Osvaldo Riedel, Francisco Alves de Andrade, Manoel Albano Amora, Geraldo da Silva Nobre, Denizard Macedo de Alcântara e Antônio Gomes de Freitas.

No expediente constou o recebimento de 41 publicações no período de 22 de julho a 4 de agôsto. Foram expedidos: um telegrama ao Dr. Thomaz Pompeu Neto, apresentando condolências pelo falecimento do Dr. Tomás Pompeu Filho, ofício à Secretaria de Cultura, dando a relação de freqüência dos funcionários do Museu, telegrama ao Exmo. Sr. Gen. Oscar Jansen Barroso, felicitando-o pela promoção à General-de-Divisão

Acusaram recebimento de publicações do Instituto do Ceará: a Academia Paulista de Letras, o Museu Etnográfico da República Argentina, o cel. Salvador de Moya, residente em São Paulo, e a Sociedade de Geografia de Lisboa.

O Sr. Presidente propõe para sócios correspondentes do Instituto do Ceará, o Almirante Mário Ferreira França, colaborador da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Sr. Raimundo Araújo, escritor e jornalista cearense autor do livro Figuras e Fatos de Nilópolis. Ambas as propostas são aprovadas por unanimidade.

A seguir, o Sr. Presidente comunica que vai ser elaborado convênio com a Universidade Federal do Ceará, a respeito do aluguel da tipografia do Instituto do Ceará e que a revista do ano de 1968 se acha em adiantamento.

É marcado o dia 20 de outubro para posse dos novos sócios eleitos do Instituto: Antônio Gomes de Freitas e Osvaldo de Oliveira Riedel.

Francisco Alves comenta artigo do consócio general Carlos Studart Filho que foi transcrito da imprensa de Fortaleza no jornal **Cinco de Março** que se edita em Goiana, Pernambuco, em sua edição de 21 de julho de 1969.

Ainda com a palavra, Francisco Alves pede um voto de pesar pela morte do Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil Filho, enaltecendo sua personalidade de Professor da Escola de Agronomia. O requerimento é aprovado por unanimidade.

Luís Sucupira requer voto de pesar pelo falecimento do Dr. Artur Studart, irmão do Sr. Presidente. A proposta é aprovada unanimemente. Agradecendo o Sr. Presidente esclarece que o pranteado extinto foi pioneiro dos movimentos trabalhistas, tendo protestado contra o horário de 12 horas de trabalho, outrora impôsto aos empregados do comércio.

Albano Amora se reporta sôbre as personalidades de Artur Studart e Tomaz Pompeu Filho, fazendo considerações sôbre aspectos da medicina científica, do Ceará, movimento em que ao lado de outros, colaboraram Artur Studart e Tomaz Pompeu Filho.

Luís Barros relembra que a 4 de agôsto ocorre o aniversário da batalha de Alcacer-Kibir, ocorrida em 1575, origem do domínio espanhol em Portugal com profundas repercussões na história do Brasil.

Luís Sucupira indaga sôbre o adiantamento da publicação da História de Educação no Ceará de autoria do consócio Plácido Aderaldo Castelo, Governador do Estado. O Sr. Presidente esclarece que os originais estiveram em poder de Hugo Catunda, para prefaciá-lo, achando-se, agora, em poder de Moazrt Soriano Aderaldo.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a presente sessão, da qual para constar, eu, Luís Barros, Secretário ad hoc lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos presentes.

SESSÃO DE 20 DE AGÔSTO DE 1969

Aos vinte dias de agôsto do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, na sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto sua segunda sessão ordinária referente àquele mês. Foi presidida por seu presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, sendo secretariada por seu segundo secretário, João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram também à reunião os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Antônio Martins Filho, Francisco Alves de Andrade, Geraldo da Silva Nobre, José Aurélio Saraiva Câmara, José Denizard Macedo de Alcântara, José Sobreira de Amorim, Luís Sucupira, Manoel Albano Amora, Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Zélia Camurça, ao todo 13 (treze) associados, além do diretor de secretaria José Osvaldo Araújo.

O segundo secretário justificou suas faltas às duas sessões anteriores, cujas atas, da responabilidade do conócio designado para substituí-lo, não lhe tinham sido entregues por seus substitutots, pelo que deixava de proceder à sua leitura; passou a ler o expediente, que constou não só dos ofícios recebidos e expedidos pelo Instituto, como dos livros entrados na sua biblioteca no período de 6 a 20 de agôsto.

O Sr. Presidente deu um balanço de suas recentes atividades em prol do Instituto, referindo-se aos seus entendimentos com o Reitor e à última sessão da diretoria. Nesta, destacou que foram tratados e resolvidos numerosos assuntos de interêsse da casa, como os da revista e do convênio. Disse que o Reitor lhe assegurara prioridade para a revista, mas lamentou que seus trabalhos não tivessem começados até então. Afirmou que estivera novamente com o Reitor que, por sinal, embarcaria no dia seguinte para o Rio, sendo feliz nesse outro encontro, pois assinou o convênio com a Universidade. Lembrou, depois, que na biblioteca de Ismael Pordeus, adquirida à família pelo Estado, figurava um volume dos documentos do Barão de Studart, pertencente ao Instituto do Ceará. Concluiu sua exposição, com o pedido, que foi aprovado pela casa para dirigir-se à Secretaria de Cultura, solicitando a devolução do referido volume. Concedeu a palavra, depois, ao tesoureiro Luís Sucupira para que êle falasse sôbre a situação da tesouraria.

Luís Sucupira informou, então, que estivera com o governador Plácido Castelo e que S. Exa. se prontificara a pagar ao Instituto a importância que o Estado lhe devia. O Senhor Presidente, mais uma vez com a palavra, adiantou que participara, a convite do Governador do Estado, da comissão organizadora das festividades da Semana da Pátria, ficando o Instituto encarregado de organizar o temário de conferências que deveriam ser pronunciadas por ocasião dos festejos. Lembrou o nome do consócio José Sobreira de Amorim para falar em nome do Instituto e êste aceitou a indicação. Disse mais o Sr. Presidente que interrompia a sessão para congratular-se com a casa pela chegada do ex-reitor Martins Filho, que, sendo sempre para o Instituto o Magnífico, bem merecia as suas felicitações.

Facultada a palavra, pediu-a, em primeiro lugar, Dra. Zélia Camurça I) para dar ciência que o nosso conterrâneo Raimundo Menezes fôra nomeado diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação de São Paulo; II) para oferecer um trabalho do arquiteto cearense José Liberal de Castro sôbre "Fatôres de localização e expansão da cidade de Fortaleza"; III) para registrar as vindas a Fortaleza de Humberto Peregrino, diretor do Instituto Nacional do Livro, aqui representado pelo major Francisco Bastos, e bem assim de Fernando Camacho, da Universidade de Essex, que fêz gravações para o Museu de Som da Universidade do Brasil, da Inglaterra e dos Estados Unidos, sendo entrevistados alguns companheiros do Instituto.

Usou-a, depois, Francisco Alves para comunicar: I) que a Secretaria de Cultura do Ceará ia publicar a obra de Ildefonso Albano, intitulada Manuel Xique-Xique; II) que, no dia 23, a Escola de Agronomia iria inaugurar o monumento que mandou fazer em honra de Dias da Rocha, em comemoração ao centenário de seu nascimento; III) que havia falecido, recentemente, Benedito de Araújo da Cunha Prata, tetraneto de Tristão Gonçalves e um dos últimos participantes, ao lado de Plácido de Castro, da Conquista do Acre, o qual escreveu uma série de publicações sôbre o assunto. Frisou que havia solicitado a Flávio da Cunha Prata, seu filho, que entregasse ao Instituto o documentário de Benedito referente à Conquista do Acre.

Serviu-se, ainda, da oportunidade Luís Sucupira, que lembrou o bicentenário do nascimento, evocado no dia 15, de Napoleão Bonaparte, acontecimento que estava sendo festivamente comemorado em todo o mundo. Acentuou que Napoleão sempre punha em relêvo pertencer ao Instituto de França, que é, guardadas as proporções, um Instituto nos moldes do nosso.

Fernandes Távora aparteou para declarar que Napoleão tinha um motivo de se vangloriar: havia concorrido para a libertação do Brasil.

Prosseguindo nos seus registros, Luís Sucupira lembrou a passagem no dia 23, da data consagrada ao folclore a qual, a seu ver, não podia ser esquecida pelo Instituto. Lastimou a omissão da Sociedade de Folclore, que deixou passar essa efeméride sem uma comemoração por mais modesta que fôsse.

D. Zélia Camurça interveio, tendo ressaltado que ela figura na comissão de folclore, juntamente com os companheiros Florival Seraine, Francisco Alves, Manoel Albano Amora e Manuel Eduardo Pinheiro Campos.

Interferiu, também, Albano Amora, para citar a propósito do folclore, uma observação de Francisco Alves, de que o interior estava se descaracterizando.

O segundo secretário leu a proposta, assinada por José Aurélio, José Denizard Macedo e Manoel Albano Amora, indicando para Sócio Correspondente do Instituto Antônio da Rocha Almeida, cujo nome foi aprovado por unanimidade.

Luís Sucupira voltou a falar, desta vez para sugerir que a diretoria se dirigisse ao Instituto Nacional do Livro, solicitando que lhe mandasse suas publicações para a biblioteca do Instituto. Prestaram esclarecimentos em tôrno do assunto vários consócios, tendo Martins Filho assegurado que o Instituto do Ceará estava registrado no INL e, como tal, devia receber seus livros. Acrescentou que, possìvelmente, houve qualquer coisa que determinou a suspensão da remessa das obras editadas pelo INL para o Instituto.

Geraldo da Silva Nobre comunicou que a biblioteca do SESC deixou de receber livros do Instituto por ser privativa de comerciários.

Em seguida, José Aurélio pediu que, ouvido o plenário, fôsse registrado em ata o centenário de nascimento de Francisco de Assis Bezerra, proprietário da Ti-

pografia Minerva. Salientou que, sôbre ser um cidadão de reconhecidos méritos, oriundo de uma família ilustre, na sua Tipografia foram publicadas várias obras do Instituto, inclusive a Revista e trabalhos de Barão de Studart, e de Antônio Bezerra. Finalizou seu requerimento proclamando não lhe parecer descabido que o Instituto se associasse às homenagens prestadas à memória de Assis Bezerra.

O Sr. Presidente disse que considerava justo o preito de reverência à memória de Antônio Bezerra tanto que secundava e tinha certeza de que todos se pronunciariam, igualmente, no mesmo sentido.

D. Zélia Camurça solicitou a Martins Filho que desse algumas informações aos consócios sôbre suas atividades na Organização dos Estados Americanos. Martins Filho informou que a OEA está passando por uma reforma de estrutura com a posse de seu nôvo Secretário-Geral, Galo Plaza, que convocou representantes das Américas Inglêsa, Espanhola e Portuguêsa para estudarem os sistemas de bôlsas, sendo êle, Martins Filho, convidado para participar do comitê em nome do Brasil.

Em seguida o general Carlos Studart Filho expressou a Martins Filho o orgulho que o Instituto experimentava em ter um sócio que havia chegado a tão alto pôsto.

Por fim, Geraldo da Silva Nobre manifestou a satisfação de todos os sócios do Instituto com o lançamento, brevemente, pela Livraria José Olímpio, do livro de José Aurélio Saraiva Câmara sôbre Capistrano de Abreu.

José Aurélio agradeceu o elogio de Geraldo da Silva Nobre, estendendo seus agradecimentos a todos os que se solidarizaram à manifestação que lhe foi tributada.

Por fim o Sr. Presidente solicitou à consócia Zélia Camurça que entregasse à Comissão da Revista, para fins de publicação, o seu discurso de posse no Instituto do Ceará.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão tendo eu, João Hipólito, segundo secretário, lavrado a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 4 DE SETEMBRO DE 1969

Aos quatro dias de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, na sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira sessão ordinária referente a êste mês. Presidiu-a seu Presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, servindo de primeiro e segundo secretários, respectivamente, os titulares Mozart Soriano Aderaldo e João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram, também, à reunião, os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves de Andrade, Geraldo da Silva Nobre, Jósa Magalhães, Luís Teixeira Barros, Luís Cavalcanti Sucupira, Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Osvaldo de Oliveira Riedel, ao todo 11 (onze) associados, além do diretor de secretaria, José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário, João Hipólito, leu a ata da sessão anterior, a qual foi aprovada com duas emendas. Uma, do Dr. Francisco Alves para que nela constasse o título verdadeiro e completo do livro que está prefaciando, da autoria de Ildefonso Albano, e que é, "Jeca Tatu e Mané Xique-Xique" e não apenas "Mané Xique-Xique", como figura naquela resenha. A segunda, do Sr. Fernandes Távora, para esclarecer que, de fato, havia pôsto em relêvo, na sessão anterior, o título da glória de Napoleão Bonaparte, que contribuiu para a independência do Brasil, mas que êste não era o único, pois havia outros títulos de ufania para o Imperador da França.

Facultada a palavra, usou-a, inicialmente, Mozart Soriano Aderaldo para mostrar a fase de intensa produtividade em que se encontra, atualmente, o Instituto do Ceará. Assim é, que, segundo mencionou, Francisco Alves seria o prefaciador da obra de Ildefonso Albano, como já foi dito, e o General Dr. Carlos Studart Filho ia escrever Temas Sociais. Destacou que o notável trabalho do presidente focaliza assuntos da maior atualidade, que teve o privilégio de ler quase em primeira mão, porque iria prefaciá-lo. Um dêles, consoante observou, cuida da questão da renovação, ou melhor, da autodestruição, como frisou, por que está pas-

sando a Igreja. No outro, conforme suas observações, o Presidente se ocupa, com muita percuciência e agudeza, de **Dona Flor e seus dois Maridos**, de Jorge Amado, comentando a linha dêsse romance. Já no terceiro, como aduziu Mozart Soriano, o autor, dentro da temática atual, aborda com muita propriedade o problema sexual. Salientou Mozart Soriano, que o Sr. Presidente, embora verse assuntos diferentes, visa a um único objetivo: a preservação do que há de sério, do que há de eterno nos nossos hábitos. Disse mais que "o maravilhoso estudo de Carlos Studart é, além de autorizado, corajoso e, por isso, foi que recebeu ataques até mesmo de sacerdotes". Requereu, pois, um voto de louvor à autoridade e coragem da nova publicação de Carlos Studart Filho, a qual, como acentuou, teve a maior repercussão não sòmente na terra, onde contou com a defesa de um leigo e o combate de um padre, mas também em outros Estados. E concluiu: "À revelia de V. Exa., Sr. Presidente, peço que o segundo secretário consigne em ata êsse registro, que, tenho plena certeza, será aprovado por unanimidade."

Carlos Studart ressaltou que estava emocionado e agradecido ao primeiro secretário Mozart Soriano Aderaldo pelas referências elogiosas a seu trabalho pela moção de aplausos que solicitara. Confirmou que, em conseqüência dos comentários que tecera, havia realmente, como adiantara Mozart Soriano, arranjado inimigos, mas reafirmava que estava tranqüilo do dever cumprido e da posição tomada. Acrescentou que, no Brasil, há forte tendência para se introduzirem princípios morais vigentes na Escandinávia, tais como agora, o das famílias grandes, com homens e mulheres comuns. Lamentou que êsses costumes estivessem vindo da Europa para o Brasil, cujo povo tem uma mentalidade diferente da do europeu, principalmente do escandinavo, pois pertencemos a outra linhagem étnica. Finalizou suas considerações em aditamento às de Mozart Soriano Aderaldo, asseverando textualmente: "É contra isto que eu protesto: a importação de idéias inadequadas ao nosso meio, inclusive as de pornografia. O sexo é uma das formas inferiores da animalidade. Não estamos, mais, no período das cavernas: da promiscuidade sexual."

Com a palavra, Geraldo da Silva Nobre mencionou uma efeméride que, a seu ver, não podia passar despercebida pelo Instituto: O segundo centenário, no dia 14 de setembro dêste ano, do nascimento de Humboldt, a pessoa de seu tempo mais conhecida em todo o mundo depois de Napoleão, cujo bicentenário, por sinal, transcorreu em 15 de agôsto. Lembrou que o Instituto entrasse em contato com a Universidade e com o representante consular da Alemanha, de onde era natural Humboldt, para a celebração da data.

A êsse propósito, declarou o Sr. Presidente que a sugestão de Geraldo da Silva Nobre era perfeitamente viável e que o Instituto aceitava associar-se às justas homenagens à memória de Humboldt, indicando uma comissão constituída dos consócios que são também professôres universitários para, sob a presidência de Mozart Soriano Aderaldo, tratar das festividades.

Ainda na parte das Comunicações, Francisco Alves assinalou que, no dia 23, a Escola de Agronomia do Ceará havia comemorado condignamente, o centenário do nascimento de Dias da Rocha, que era patrono daquela casa e sócio do Instituto.

O Sr. Presidente referiu-se, depois, aos pedidos de votos de pesar ou de congratulações, usuais aqui como em outras casas, sugerindo que êstes, no Instituto, se limitassem a simples registro, tornando-se, assim, fatos históricos.

Aprovada a sugestão, dela se prevaleceu Luís Sucupira para registrar a nomeação do nosso consócio Djacir Menezes, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Invocou-a, também, Luís Barros, que aludiu a um fato auspicioso: o lançamento da monografia de Osvaldo Aguiar sôbre a história de Massapê.

O Sr. Presidente acrescentou que Manoel Albano Amora tinha pronto um trabalho sôbre Pacatuba, que seria lançado no dia 8 de outubro quando do centenário dêsse município.

Em seguida, Geraldo da Silva Nobre propôs um telegrama aos Ministros Militares no exercício da Presidência da República, desejando melhoras ao Exmo. Sr. Marechal Costa e Silva, enfêrmo desde o dia 31 de agôsto.

Por fim, João Hipólito leu um trabalho sôbre o C.P.O.R., evocando a passagem, no dia 25 de agôsto, do 25.º aniversário da declaração da primeira turma

de aspirantes daquele centro, de que fêz parte juntamente com Mozart Soriano Aderaldo.

Como nada mais houvesse a ser discutido ou aprovado, foi encerrada a sessão, tendo eu, segundo secretário, lavrado a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 22 DE SETEMBRO DE 1969

Aos vinte e dois dias de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezessels horas, em sua sede social, realizou o Instituto do Ceará sua segunda sessão plenária ordinária referente àquele mês. Presidiu-a seu Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, havendo servido de secretário seus titulares efetivos, Srs. Mozart Soriano Aderaldo e João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram ainda à reunião, os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves de Andrade e Castro, Geraldo da Silva Nobre, José Denizard Macedo de Alcântara, José Parsifal Barroso, Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Osvaldo de Oliveira Riedel ao todo 10 (dez)associados, além do diretor de secretaria, José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário procedeu à leitura da ata da sessão anterior, a qual foi aprovada com a ressalva do Sr. Presidente, para que nela ficassem registradas as felicitações que dirigiu àquele consócio por motivo de seu discurso sôbre o C.P.O.R. Em seguida, foi lido o expediente, que constou da relação dos livros entrados na biblioteca e da correspondência enviada e recebida pelo Instituto no período compreendido entre a sessão anterior e a atual.

O Sr. Presidente comunicou que compareceu ao Instituto o coordenador do Centro de Cultura Germânica para tratar das comemorações alusivas ao bicentenário de Humboldt. Geraldo da Silva Nobre, também, informou que a comissão do Instituto encarregada das festividades de Humboldt, havia se reunido sob a presidência de Mozart Soriano Aderaldo, sendo distribuídas tarefas entre os seus membros. Adiantou que êle ficou incumbido de uma conferência sôbre Humboldt no Instituto de Geociências, que já fôra realizada e Luís Barros de outra, na Faculdade de Filosofia. Parsifal Barroso lembrou que o colega Denizard Macedo havia externado seu desejo de falar a respeito de Humboldt na sessão dêste dia no Instituto e que o Coordenador de Cultura Germânica discursaria na sessão especial.

Facultada a palavra, usou-a Francisco Alves para reverenciar a memória de Dias da Rocha por motivo da passagem, no dia 23 de agôsto, do centenário de seu nascimento. Francisco Alves leu o discurso que pronunciou na Escola de Agronomia do Ceará, quando da homenagem que esta lhe tributou naquele dia.

O Sr. Presidente congratulou-se com o orador por seu trabalho, salientando a veneração que êle vota a seus mestres Dias da Rocha e Renato Braga, depois seus colegas no Instituto de cujos elogios os encarregara, espontâneamente, nesta casa.

Logo depois, Denizard Macedo ocupou a tribuna, tendo discorrido sôbre Humboldt, a quem considera, com inteira razão, o pai da geografia. Acentuou que, Humboldt, nascido em berço de ouro, filho de uma nobre família alemã, se dedicara, inteiramente, aos estudos, às viagens e às pesquisas, das quais — o da América — foi o que lhe proporcionou um dos melhores trabalhos. Salientou que se devia a Humboldt a expressão HILÉIA que usou para a Amazônia, classificando-o como uma das figuras mais altas da cordilheira do pensamento ocidental. Concluiu sua exaltação a Humboldt, afirmando justa a admiração ao seu nome, o qual, parodiando Latino Coelho, era um século.

O Sr. Presidente concedeu a palavra aos consócios que quisessem ocupar-se da conferência de Denizard Macedo, que se constituira magnífica aula de Geografia e notável estudo da personalidade de Humboldt. Salientou que, num dos seus livros, tratou do assunto e que punha em dúvidas a permanência de Humboldt no Brasil, o que, entretanto, não tirava a glória de suas obras sôbre o nosso país.

Por fim, Geraldo da Silva Nobre lembrou algumas efemérides, como o primeiro centenário da Tetralogia de Wagner, o terceiro centenário do falecimento de Rembrandt, o primeiro centenário do nascimento de Gandhi e o cinqüentenário da casa de Juvenal Galeno.

O Sr. Presidente sublinhou que o centenário de Gandhi tinha um significado especial na época presente, sugerindo então que o companheiro Geraldo da Silva Nobre nos disesse alguma coisa a seu respeito, na próxima vez. Quanto à sugestão de Geraldo da Silva Nobre, no sentido de que o Instituto comparecesse, incorporado às festas do cinqüentenário da Casa de Juvenal Galeno, declarou que renovara o seu pedido aos membros da casa, esperando que todos comparecessem às comemorações.

Mozart Soriano Aderaldo esclareceu que, como presidente da comissão designada pelo Instituto, para elaborar o programa comemorativo do bicentenário de Humboldt, tivera oportunidade de desempenhar sua missão.

O Sr. Presidente acrescentou que a presidência, através da informação de Geraldo da Silva Nobre, feita ao Instituto antes da chegada de Mozart Soriano Aderaldo, já havia tomado conhecimento das informações por êste prestadas à casa!

Agradecia a sua colaboração, como o fizera anteriormente com Geraldo da Silva Nobre, estendendo seus agradecimentos a todos os sócios do Instituto que haviam contribuído para a celebração do bicentenário de Humboldt.

Encerrada a sessão e designada outra para o dia 6 de outubro, lavrei, na qualidade de segundo secretário, a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 6 DE OUTUBRO DE 1969

Aos seis dias de outubro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira sessão plenária ordinária referente a êste mês.

Presidiu-a seu Presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, sendo secretariada pelo segundo secretário João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram também à reunião os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves de Andrade, Geraldo da Silva Nobre, José Denizard Macedo de Alcântara, Luís Sucupira, ao todo 7 (sete) sócios, além do diretor de secretaria, José Osvaldo de Araújo.

O segundo secretário procedeu à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas, e de expediente, tendo êste constado dos livros entrados na biblioteca e da correspondência recebida e enviada pelo Instituto.

O Sr. Presidente anunciou que, antes do início dos trabalhos, queria comunicar à casa uma notícia triste: o cel. José Aurélio Saraiva Câmara tinha renunciado, em caráter irrevogável, as suas funções de Vice-Presidente. O General Dr. Carlos Studart Filho esclareceu que, anteriormente, o cel. José Aurélio Saraiva Câmara, já o havia cientificado dessa resolução, sob a alegativa de que não podia dar ao Instituto tôda a sua dedicação e que êle, Presidente, o dissuadira dessa idéia, chegando a dizer-lhe que, no caso de sua renúncia, êle também renunciaria à Presidência. O Sr. Presidente adiantou que, agora, parece ter havido uma série de fatôres que lhe deram aborrecimentos e o levaram a essa atitude, concluindo: "Resta-nos lamentar e exprimir nossa tristeza por essa renúncia, que aceito penalizado, pois é de caráter irrevogável."

Concedida a palavra, pediu-a Luís Sucupira para entregar à presidência um recorte de jornal, através do qual se via que S. S. o Papa Paulo VI vinha aprovando tôdas as teses defendidas pelo Sr. presidente no seu livro recentemente lançado e intitulado **Temas Sociais**. Luís Sucupira lembrou o 450.º aniversário da viagem de Fernão de Magalhães em volta do mundo, fazendo entrega à casa de um trabalho de Henry Raynot, do New York Times, publicado pelo **Estado de S. Paulo**, sôbre o assunto.

O segundo secretário João Hipólito explicou sua atuação como encarregado pela diretoria de estudar a situação de alguns servidores do Instituto perante o INPS. Informou que o Instituto, por seu caráter cultural, de utilidade pública, reconhecido pelo govêrno, podia pleitear a dispensa do pagamento do INPS da percentagem relativa à parte patronal. Sugeriu que a tesouraria fizesse um requerimento, que seria instruído com os documentos exigidos por lei, ao INPS, solicitando a isenção dos 80% da responsabilidade dos empregadores.

Na Efeméride, Geraldo da Silva Nobre ocupou-se da figura de Gandhi, cujo centenário de nascimento transcorreu no dia 2 de outubro, dizendo mais ou menos o seguinte:

— "Para sermos breves, vamos apenas ressaltar aquilo que o Mahatma representou não apenas para o povo indiano mas para tôda a humanidade. Teve uma grande influência na independência da índia, da União Sul-Africana e, por extensão, a todo o mundo. Marshall, ao ter notícia da morte de Gandhi, exclamou: "Êle era a voz da consciência em tôda a humanidade." Os problemas aflorados por Gandhi são da natureza étnica e dizem respeito a tôda a humanidade. Nasceu numa região, onde sua família, apesar de pertencer à terceira casta — comerciante — tinha uma grande projeção política. Seu pai foi o primeiro ministro de três Estados dessa Região. Quando Gandhi foi encaminhado aos estudos em Londres, era destinado a substituir o pai. Sua vocação sempre foi para a medicina. Procurou por todos os meios ser médico. Isso, porém, ia de encontro à sua religião. Chegou a exercer curioso, a medicina na África. Deixou de fazê-lo quando recomendou uma dieta a um indiano que, depois de um mês, se tornava cadáver. A mentalidade de que se fêz expoente podemos encontrá-la nos seus ancestrais. A mãe, que era muito religiosa, cumpria os jejuns bramânicos. Fazia promessa de não se alimentar enquanto o sol não aparecesse. Logo na infância, chegou a comer carne, o que era considerado suprema heresia. Deixou-se influenciar por um amigo, que o convenceu a comer carne. Recebeu depois a influência de u mlíder jainista, que o levou a uma espiritualidade cada vez mais intensa. Por essa época, resolveu viajar para a Inglaterra. Preferiu ser expulso do jainismo a deixar de seguir para a Inglaterra, onde se formou em Direito. Foi muito influenciado pelas correntes de opinião então ali dominantes (anos de 1889, 1890 e 1891). Além dessas influências, que sofreu na Inglaterra, reativaram-se suas inclinações puramente espirituais. Não bebia vinho, não tinha relações com mulheres, não comia carne. A primeira luta que teve para chegar à espiritualidade foi contra o sexo. Dizia-se que êle era insinuante e muito afeiçoado às mulheres. Na África do Sul, começou a interessar-se pela sorte dos indianos. Como êstes eram escuros, sofriam geralmente grandes restrições. Gandhi envolveu-se em vários episódios de racismo. Entregou-se à advocacia, não tendo podido falar na primeira vez que ia fazê-lo, tão tímido êle era. Só depois venceu a sua timidez. Defendeu a causa dos boeres, que a princípio não pacífica. Na União Sul-Africana, como gastava (15 minutos, diàriamente, para barbear-se, pôs trechos do Mahbarata no espelho. Gandhi foi, assim, um divulgador da Loja de hoje. Gandhi conheceu várias religiões e colhe o melhor delas na sua vida religiosa. Outra influência que recebeu foi a de Thoreau, a qual o fêz persistir na não violência. Pregou a convivência com base na bondade. Pôs em prática êsses princípios quando voltou para a índia. Suas atividades, aí e então, se tornaram mais conhecidas. Êle foi, sobretudo, o grande Apóstolo da Independência do seu país. Os primeiros movimentos empreendidos por Gandhi levaram os ingleses à diarquia. A independência da índia ocorreu em 15 de agôsto de 1947, quando o Vice-Rei Mountbatten passou o govêrno às autoridades indianas. Gandhi, desde 1934, se afastara do Congresso. Uma das modalidades de luta a que recorreu foi a paralisação das indústrias. A conduta de Gandhi foi muito criticada, porque muitos viam nêle um demagogo. Em 1917, quando regressou à índia, foi chamado de Mahatma. Lutou muito pela integração dos párias. Demonstrou muita preocupação com o problema maometano, a que se apegaram os ingleses para retardar a independência. Propôs até soluções contraditórias, mas conciliatórias, que, devido à sua autoridade, tendiam a ser aceitas. Gandhi foi o homem em quem mais se observou o triunfo de espírito sôbre a carne. Seu prestígio junto às massas indianas era muito grande. Não obstante isso, houve extremistas que o eliminaram. Foi um homem, que se constituiu num exemplo para a humanidade. Apagaram-se a luz para os indianos. Essa luz, porém, brilharia para todo o sempre não apenas para os indianos. Gandhi representa para nós um mentor para que nós saibamos dar maior valor ao nosso espírito."

O Sr. Presidente felicitou Geraldo Silva Nobre, pela sua aula, que considerou de verdadeira sapiência, estendendo suas felicitações aos presentes pela magnífica lição que receberam.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, tendo eu, João Hipólito, segundo secretário, lavrado a presente ata que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO DE 20 DE OUTUBRO DE 1969

Aos vinte dias de outubro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará, a sua primeira sessão plenária ordinária referente àquele mês. Presidiu-a o seu Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, havendo servido de segundo secretário o ocupante do cargo João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram também à reunião os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Francisco Alves, Geraldo da Silva Nobre, Jósa Magalhães, José Denizard Macedo, José Parsifal Barroso, Luís Sucupira, Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Osvaldo Riedel, ao todo 11 (onze) associados, além do diretor de Secretaria José Osvaldo de Araújo.

O Segundo Secretário procedeu, inicialmente, à leitura da ata da sessão anterior, a qual foi aprovada sem emendas, e, depois, à do expediente, tendo constado dêste a correspondência recebida e enviada pelo Instituto, bem como a relação dos livros entrados na sua biblioteca entre 21 de setembro e a data de hoje.

Na parte destinada ao Presidente seu titular comunicou que, mais uma vez, havia peregrinado pela Universidade para tratar da publicação da Revista do Instituto do Ceará. Tornou público, igualmente, a visita feita ao Instituto pela Bibliotecária da Universidade de Colúmbia, que ressaltou serem muito procuradas as revistas do nosso Instituto. Ocupou-se, em seguida, da questão da posse dos novos sócios, dois dos quais — os srs. Antônio Gomes de Freitas e Osvaldo de Oliveira Riedel — queriam que se efetuasse hoje, sem solenidade. O Presidente acentuou que os Estatutos vedam abrir mão do caráter solene e da presença do público, razão por que não lhes tinha acedido ao pedido.

Diante disso, Gomes de Freitas anunciou, que se empossaria no dia 4 de novembro e que já havia comunicado, nesse sentido, com o consócio Hugo Catunda, escolhido para recebê-lo.

Finalmente, o Sr. Presidente informou que, na primeira oportunidade, viajaria para o Rio e que a diretoria tinha resolvido o problema da vice-presidência, vaga com a renúncia de José Aurélio. No lugar do renunciante ficaria o Sr. Mozart Soriano Aderaldo e no dêste, a secretaria, cumulativamente com as funções na Tesouraria, o sr. Luís Sucupira, permanecendo como segundo secretário, o sr. João Hipólito.

Concedida a palavra, usou-a em primeiro lugar, Geraldo da Silva Nobre, para fazer a entrega de algumas fotografias batidas por ocasião da visita do Ministro do Exército, general Lyra Tavares, ao Instituto e para assinalar que, no dia 23, começaria a Semana do Livro, durante a qual, segundo o programa de comemorações, no dia 29, deveria pronunciar uma palestra sôbre o assunto, o consócio Denizard Macedo de Alcântara.

Falou depois Luís Sucupira, que lamentou ser o nosso Instituto esquecido, às vêzes, por seus próprios membros. Nós tivemos Secretários em várias pastas — queixou-se Luís Sucupira — sem que qualquer cousa fôsse feita pelo Instituto. Adiantou que havia procurado o consócio Raimundo Girão, Secretário de Cultura, e que êste prometera interessar-se pelos problemas do Instituto afetos à sua pasta.

Denizard Macedo de Alcântara deu ciência ao plenário da visita que fêz, esta manhã, ao comando da 10.ª R. M., ora ocupado pelo general Serf Sellmann. Lembrou que o general Sellmann veio diretamente da Biblioteca do Exército para o Comando de nossa Região Militar, sugerindo que o Instituto o convidasse a visitar esta casa.

Por último, Parsifal Barroso prestou contas de suas atividades como membro das comissões encarregadas de entender-se com os herdeiros da Casa de Th. Pompeu e com os dirigentes do SAAGEC a propósito da ligação d'água para êsse prédio.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, tendo eu, João Hipólito Campos de Oliveira, segundo secretário, lavrado a presente ata, que, depois de lida e achada conforme será assinada por quem de direito.

SESSÃO DO DIA 4 DE NOVEMBRO DE 1969

Aos quatro dias de novembro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às vinte horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará, a sua primeira sessão plenária referente àquele mês, a qual deixou de ser ordinária para transformar-se em solene, em virtude da posse dos novos sócios, Antônio Gomes de Freitas e Osvaldo de Oliveira Riedel. A solenidade foi presidida pelo vice-presidente Mozart Soriano Aderaldo, tendo contado com a presença dos seguintes associados: mons. Misael Gomes da Silva, Hugo Catunda, Raimundo Girão, Clodoaldo Pinto, Manoel Albano Amora, Francisco Alves de Andrade e Castro, José Guimarães Duque, Jósa Magalhães, João Hipólito Campos de Oliveira, José Bonifácio de Sousa, José Denizard Macedo de Alcântara, Luís Cavalcanti Sucupira e Geraldo da Silva Nobre, (sócio eleito e ainda não empossado), ao todo, 17 associados, além do diretor de Secretaria, José Osvaldo de Araújo.

Compareceram, também, à reunião, autoridades civis, eclesiásticas e militares, bem como membros das famílias dos novos sócios a serem empossados nesta casa.

O Presidente em exercício convidou a tomarem assento à mesa diretora dos trabalhos, os Srs. José Bonifácio de Sousa, representante do Governador do Estado, general Luís Serf Sellmann, comandante da 10.ª R. M., mons. André Viana Camurça, secretário de Educação, deputado Paulo Benevides, representante da Assembléia Legislativa, ministro Odilon Aguiar Filho, presidente do Tribunal de Contas do Estado do Ceará, comandante Paulo Ferreira Studart, comandante do C.P.O.R. e cel. Haroldo Erichsen da Fonseca, comandante do Colégio Militar de Fortaleza.

A presidência designou os Srs. Raimundo Girão e Hugo Catunda para introduzirem no recinto os novos sócios, o que foi feito sob vibrantes salvas de palmas. Entregou, a seguir, aos Srs. Antônio Gomes de Freitas e Osvaldo de Oliveira Riedel, os diplomas de sócios do Instituto, processando-se a entrega em meio a grandes aclamações.

Em primeiro lugar, foi concedida a palavra a Raimundo Girão, para saudar Osvaldo Riedel, e, depois, a êste, para agradecer, sendo os dois discursos pela elevação dos conceitos expendidos e pela beleza da forma em que estavam vazados muito aplaudidos.

Em segundo lugar, ocupou a tribuna, Hugo Catunda, para receber Antônio Gomes de Freitas, que agradeceu depois à saudação, causando ambas as orações, graças à segurança das idéias e a superioridade de estilo, a melhor impressão e tendo, por isso mesmo, a maior acolhida entre os presentes.

O Presidente em exercício ressaltou a importância das peças oratórias pronunciadas no Instituto, dizendo, a respeito da de Raimundo Girão, o seguinte, que vai transcrito na íntegra:

"O Instituto do Ceará é tão grande que se permite, sem abalo sequer na sua estrutura quase centenária, a anticrítica que um dos oradores tão ardorosamente fêz, com o sabor do histórico e retumbante discurso de Graça Aranha, ao lançar as bases do Modernismo na Academia Brasileira de Letras.

"Há muito a realizar e a renovar no gigantesco plano exposto por Raimundo Girão, mas sòmente o fará quem, há 82 anos ininterruptamente publica sua revista tão importante que mereceu, antes de qualquer outra, do país, o exaustivo trabalho do pesquisador José Honório Rodrigues, elaborando o seu índice."

Facultada a palavra, nenhum dos presentes a solicitou, tendo então o Sr. Presidente se congratulado com os novos sócios pela sua posse e agradecido a todos a honra do comparecimento.

Foram apanhados, no decorrer da solenidade, alguns flagrantes fotográficos mais expressivos, sendo servidas, ao final, profusas taças de champanha.

E, como nada mais houvesse a tratar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, tendo eu, Segundo Secretário, lavrado a ata acima, que, depois de lida e achada conforme, será assinada pelos presentes.

SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1969

Aos vinte dias de novembro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, em sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará, sua segunda sessão plenária ordinária relativa àquele mês. Presidiu-a, na ausência temporária do Presidente General Carlos Studart Filho e na qualidade de Vice-Presidente, o Dr. Mozart Soriano Aderaldo, havendo servido de secretário o Dr. João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram, também à reunião os Srs. Antônio Gomes de Freitas, Geraldo da Silva Nobre, José Denizard Macedo de Alcântara, Luís Sucupira, Manuel Albano Amora, Osvaldo de Oliveira Riedel e Raimundo Girão, ao todo 9 (nove) associados, além do Sr. José Osvaldo de Araújo, diretor de secretaria.

O 2.º Secretário procedeu, inicialmente, à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada sem emendas, e depois, à do expediente, tendo constado dêste a correspondência recebida e enviada pelo Instituto, bem como a relação dos livros entrados na biblioteca no período de 20 de outubro a 20 de novembro.

No tempo reservado à presidência, seu ocupante congratulou-se com os novos sócios, a que havia dado posse na sessão solene de 4 de novembro, os quais, segundo acentuou, estão transformando sua presença à casa em cousa habitual. Justificou-se de não estender essas considerações a Geraldo da Silva Nobre, porque êle até então não tinha se empossado em sua cadeira, o que ocorreria no dia 28 de novembro, como já estava combinado com o consócio que o receberia neste sodalício — o Dr. José Bonifácio de Sousa. O Sr. Presidente recomendou ao diretor de secretaria que, apesar dos convites que lhes seriam endereçados, não deixasse de avisar, também, por telefone, aos demais sócios, a posse de Geraldo da Silva Nobre no dia 28 de novembro.

Na parte destinada aos sócios, já que não fôra elaborada a pauta para o dia, falou o consócio Raimundo Girão, que, a título de informação, disse haver deixado o ex-presidente Pompeu Sobrinho em seu poder um trabalho incompleto "índice de Sesmarias". Reafirmou que havia ficado na posse dêsses originais e, como mencionou, foi bom que assim tivesse acontecido, porque, do contrário, talvez não existissem mais êsses originais, que são de grande valor. Adiantou que a Secretaria de Cultura, de que é titular, tinha entregue o manuscrito a um funcionário categorizado, no caso o Sr. Laudomiro Pereira, e que êste, não obstante a dificuldade da caligrafia do Sr. Pompeu Sobrinho, o havia feito com muita competência e dedicação. Disse mais que Laudomiro Pereira se dera ao trabalho benemérito de ler 14 volumes e à tarefa estafante de coligir aquilo que Pompeu não havia apanhado. Asseverou que, depois de conseguir tudo isso, encontrando lacunas e corrigindo enganos, Laudomiro Pereira havia pôsto os nomes de todos os sesmeiros em ordem alfabética, tornando o "índice", assim, acessível às futuras investigações em tôrno das sesmarias. Finalizou sua comunicação, dando a boa nova de que, com as achegas de Laudomiro Pereira e a catalogação, êsse trabalho, que será a primeira publicação da Secretaria de Cultura no ano de 1970, se constituirá no grande dicionário para todos os que trabalham nessa questão, de sesmarias.

Mozart Soriano Aderaldo congratulou-se com o consócio Raimundo Girão, formulando votos para que êle apressasse a publicação e permitindo-se lembrar-lhe, quanto ao caso dos direitos autorais, que fôsse pedida autorização à família do Dr. Pompeu.

Gomes de Freitas interferiu para salientar que, se a obra do Dr. Pompeu, por si só, já era meritória, havia adquirido novas dimensões nas mãos do Dr. Raimundo Girão.

Elogiou, também, o trabalho do Dr. Raimundo Girão o consócio Denizard Macedo, que apresentou algumas sugestões a respeito do assunto.

Mozart Soriano lembrou que qualquer sócio que tivesse conhecimento de cousas relacionadas com as sesmarias se dirigisse ao Instituto, para oficializar seu comunicado.

O Sr. Presidente incumbiu o consócio Antônio Gomes de Freitas de folhear os volumes sôbre sesmarias alusivos ao Ceará e existentes em poder de Carlos Feitosa e Hugo Catunda.

Mozart Soriano Aderaldo comunicou que havia acabado de fazer a anotação do 1.º volume de Théberge, adiantando que gostaria de submeter à apreciação do presidente Carlos Studart Filho o capítulo sôbre os indígenas e de Gomes de Freitas a parte concernente aos Feitosas.

Com a palavra, Albano Amora, declarou: "Temos agora no Ceará o Palácio da Luz como sede da Biblioteca Pública e do Gabinete da Secretaria de Cultura". Frisou que, enquanto se realizava a sessão de instalação do Conselho de Cultura no Palácio da Luz, ficou a pensar, andando pelos corredores, no menino José de Alencar, cujo pai foi Presidente do Ceará. Disse que, da mesma forma que João Nogueira e Ismael Pordeus, o último dos quais tinha descoberto um documento de que uma das irmãs de Alençar fôra ali batizada, não alimentava dúvidas de haver morado no Palácio da Luz o senador Alencar. Na sua evocação, Albano Amora assim se expressou:

"Meu pensamento se voltou, então, para os gigantes do tempo do Império, principalmente para o presidente muito amável que ali faleceu — Caio Prado.

Chegaram depois à minha lembrança as figuras dos presidentes da chamada Primeira República, que conheci: Justiniano de Serpa, que reconstituiu ali a Academia Cearense de Letras, e José Carlos de Matos Peixoto, inegàvelmente os maiores que exerceram a presidência naquela fase da história política do Ceará.

Em seguida, lembrei-me de Ildefonso Albano, meu parente, e de vários outros presidentes, todos ligados à vida da inteligência no Ceará.

Nada mais justo, pois, Sr. Presidente, do que a homenagem prestada à cultura pelo govêrno do Estado com a instalação da Biblioteca Pública no Palácio da Luz.

A cultura é uma luz, a maior de tôdas.

Quero externar meus aplausos ao ato do govêrno e do secretário de Cultura, instalando ali uma casa que vai iluminar o Ceará."

Em complementação à proposta de Albano Amora, o presidente reportou-se à sua conversa, em meados do ano, com o governador Plácido Castelo sôbre o problema da construção do Palácio da Abolição. Aduziu que havia sugerido ao governador Plácido Castelo que, na antiga sede dos governos estaduais, se instalasse a Biblioteca Pública, o que justificaria, plenamente, o nome sugestivo que tem — Palácio da Luz. E concluiu: "O governador concordou com a minha sugestão, ressalvando, porém, que ela iria depender da aquiescência do secretário de Cultura, o nosso companheiro Raimundo Girão. Ao lado dêsses fatos históricos, já expostos por Manoel Albano Amora, propondo que o Instituto se congratule com o governador Plácido Castelo e louvou o seu gesto."

Posta em votação a proposta, a ela opôs restrições o Sr. João Hipólito Campos de Oliveira, dizendo que, embora reconhecesse o propósito elogiável, digno mesmo de louvor, do governador do Estado, entendia que o Palácio da Luz não seria uma sede ideal para a Biblioteca Pública, por se tratar de um prédio histórico, certamente tombado pelo Serviço de Patrimônio. Alegou que o Palácio da Luz não podia ser alterado nem ampliado em suas linhas arquitetônicas, quando uma biblioteca é uma instituição em constante evolução, que está sempre a desenvolver-se.

Luís Sucupira esclareceu que, na sua passagem pela interventoria do Estado, havia encontrado a biblioteca no prédio da Assembléia em estado de abandono, tendo conseguido alugar o edifício da Rua Solon Pinheiro, para onde se transferiu. Mozart Soriano Aderaldo ajuntou que, quando era governador o nosso companheiro Parsifal Barroso, de quem fôra assessor, o Estado tinha comprado o prédio em que ela se encontrava.

Denizard Macedo interveio para lamentar que a Biblioteca Pública de Fortaleza tenha sido vítima de terrorismo cultural, porque se via despojada de obras importantes, como as do nosso conterrâneo Gustavo Barroso, que foram atingidas pela cultura policialesca.

A seguir, Geraldo da Silva Nobre salientou que o Palácio da Luz, como não podia deixar de ser, trazia à lembrança os vultos dos nossos governantes. Propôs que o Instituto do Ceará se dirigisse ao Exmo. Sr. Governador, sugerindo que a galeria dos ex-governadores, ali existente, fôsse completada.

Em complementação, Mozart Soriano Aderaldo solicitou que o pedido fôsse endereçado à Secretatria de Cultura e não ao Govêrno do Estado, sendo aprovados a proposta e o aditivo.

Raimundo Girão deu uma explicação em tôrno de requerimento de Geraldo da Silva Nobre, observando que, como Secretário de Cultura, procurara repor todos os retratos dos ex-governadores. Raimundo Girão finalizou seu esclarecimento, dizendo que "lamentàvelmente uns não foram mais possível restaurar e outros tinham sido adulterados".

Geraldo da Silva Nobre ocupou-se, em seguida, do problema da localização da Biblioteca Nacional para Brasília, manifestando-se contrário à sua transferência do Rio para a nova capital.

Mozart Soriano Aderaldo pronunciou-se, também, em desacôrdo com a mudança, apoiando a criação de outra biblioteca no atual D. F. e aventando a idéia da criação de uma Hemeroteca na Guanabara.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, tendo eu, João Hipólito Campos de Oliveira, segundo secretário, lavrado a presente ata, que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.

SESSÃO SOLENE DE 28 DE NOVEMBRO DE 1969

Aos vinte e oito dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, às vinte horas, em sua sede social, realizou o Instituto do Ceará uma sessão extra, de caráter solene, com o fim especial de dar posse ao Sr. Geraldo da Silva Nobre na cadeira para que fôra eleito nesta casa. A solenidade foi presidida pelo vice-presidente Mozart Soriano Aderaldo e teve o comparecimento dos Srs. Antônio Gomes de Freitas, Clodoaldo Pinto, Francisco Alves de Andrade e Castro, João Hipólito Campos de Oliveira, Jósa Magalhães, José Aurélio Saraiva Câmara, José Denizard Macedo de Alcântara, José Parsifal Barroso, Luís Cavalcanti Sucupira, Luís Teixeira Barros, Manoel Albano Amora e Osvaldo Oliveira Riedel, ao todo 13 (treze) associados, bem como do diretor de secretaria, José Osvaldo de Araújo. Compareceram também, à solenidade, autoridades estaduais e membros da família do recipiendário, destacando-se, entre os presentes, Luís Crispim, Antônio Girão Barroso, João Pires, Ademar Batista, José Leopoldino Neto, Elias Mallmann, Pantaleão Damasceno, Newton Studart, Dra. Socorro Nobre, além de outros.

Na ausência do Presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, o Dr. Mozart Soriano Aderaldo, na qualidade de vice-presidente, abriu a sessão, dizendo da sua finalidade — a posse do jornalista Geraldo da Silva Nobre no Instituto do Ceará.

O Presidente convidou a participarem da mesa os Srs. José Bonifácio de Sousa, Secretário de Administração, Stênio Rocha Carvalho Lima, representante do Secretário de Cultura, jornalista Darci Costa, Dr. Hélio Leal, ministro Paulo Avelar e o secretário da casa, João Hipólito Campos de Oliveira. Nomeou, inicialmente, uma comissão constituída dos Srs. José Bonifácio de Sousa, José Denizard Macedo de Alcântara e Luís Teixeira Barros, para fazer a introdução do nôvo sócio no recinto, onde foi muito aplaudido. Passou, então às mãos de Geraldo da Silva Nobre o diploma de sócio do Instituto, sendo a entrega coroada por prolongada salva de palmas. Concedeu, depois, a palavra a José Bonifácio de Sousa para proferir a saudação ao nôvo sócio, cujas qualidades foram postas em merecido relêvo. José Bonifácio assinalou que o seu discurso não tinha veleidades acadêmicas, pois era a recepção de um companheiro, com o reconhecimento de seu valor intelectual. O orador registrou uma curiosidade interessante na admissão de Geraldo da Silva Nobre: era o 82.º membro do Instituto, coincidindo êsse número surpreendentemente com o de aniversário da casa, como se nesta tivesse entrado um sócio cada ano. José Bonifácio concluiu sua saudação frisando: "Vossa che-

gada é motivo de júbilo e de esperança, que desejo traduzir em duas palavras, apenas — Sêde bem-vindo!"

Seguiu-se o agradecimento de Geraldo da Silva Nobre, que, após afirmar ser difícil corresponder ao brilho da oração de José Bonifácio de Sousa, renovou seu propósito de trabalhar pela grandeza do Instituto no campo de suas atividades literárias. Fêz percuciente estudo da vida da Casa de Paulino Nogueira, Barão de Studart e Pompeu Sobrinho, no tríplice aspecto de seus objetivos sociais: histórico, geográfico e antropológico. Destacou a atuação dos sócios do Instituto em cada um dêsses setores culturais, fazendo o elogio daqueles a quem teve a honra de suceder nesta instituição.

A presidência, em nome do Instituto, agradeceu "o comparecimento de todos a esta magnífica festa em que êle se enriquece, empossando mais um de seus sócios efetivos".

Mozart Soriano Aderaldo encerrou a sessão extra, observando judiciosamente: "Com 82 anos de existência e 82 sócios empossados, com 81 números de revistas publicadas, afora 6 dedicadas a assuntos específicos, com 10 livros de sua História e 6 de outra série, o Instituto do Ceará teve, esta noite, mais uma vitória: a posse de Geraldo da Silva Nobre."

Foram batidos flagrantes fotográficos destinados ao noticiário da imprensa, a que Geraldo da Silva Nobre empresta o fulgor de sua inteligência, sendo servidas, finalmente, taças de champanha com os presentes.

Para memória da solenidade e na condição de segundo secretário, eu, João Hipólito Campos de Oliveira, lavrei a presente ata, de que darei conhecimento aos associados na próxima sessão, quando, se aprovada, será assinada por quem de direito.

SESSÃO SOLENE DE 22 DE DEZEMBRO DE 1969

Aos vinte e dois de dezembro de mil novecentos e sessenta e nove, às vinte horas, em sua sede social, realizou o Instituto do Ceará sua segunda sessão plenária ordinária referente àquele mês e ano, a qual teve caráter solene por ser comemorativa do centenário de nascimento do desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva. Na ausência do Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, que se encontra no Rio, assumiu a direção dos trabalhos o vice-presidente Mozart Soriano Aderaldo, que convidou para tomarem assento à mesa o secretário da casa, João Hipólito Campos de Oliveira, bem como os consócios José Bonifácio de Sousa, secretário de Administração, representando o Exm. Sr. Governador do Estado, Francisco Alves de Andrade e Castro, orador oficial, e Américo Gomes da Silva, filho do homenageado.

Compareceram também à reunião os sócios Antônio Gomes de Freitas, Boanerges Facó, Geraldo da Silva Nobre, José Denizard Macedo de Alcântara, Luís Cavalcanti Sucupira, Luís Teixeira Barros, Manoel Albano Amora e Osvaldo de Oliveira Riedel, além do Sr. José Osvaldo de Araújo, diretor de secretaria, membros e amigos da família do desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva.

O Sr. Presidente disse que o Instituto se engalanava nesta noite para comemorar o centenário do nascimento de uma das figuras mais exponenciais de nossa magistratura, que havia deixado traços indeléveis na vida cearense, legando ao Estado um patrimônio de ordem moral, representado principalmente por seus descendentes. Assinalou que se devia entender bem o significado da manifestação do Instituto, que cultua o passado projetando-se no futuro através das ações do presente. E concluiu: "na qualidade de Vice-Presidente e na ausência do Presidente, assumo a presidência, constituo a mesa e declaro aberta a sessão em que o Instituto homenageia um dos mais destacados vultos do Poder Judiciário Cearense".

Em seguida, ofereceu a palavra ao orador Francisco Alves de Andrade e Castro, que fêz, inicialmente, o elogio do Instituto à casa-mater da história do Ceará, voltada também para as ciências do homem e preservadora das tradições que, nos dias presentes, parecem ameaçadas de destruição. Adiantou que o Instituto pretende revelar o homem do Nordeste e, no seu contexto, o cearense, de que os descendentes de Luís Gonzaga se constituíam admiráveis exemplos. Disse mais que

o Instituto homenageava uma geração, cujo expoente era o desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva, de quem traçou, a seguir, em felizes pinceladas, a edificante biografia. Finalizou seu bem elaborado trabalho, acentuando: "Estamos acendendo, dentro desta noite, um círio à memória do desembargador Luís Gonzaga."

Logo depois, fêz-se ouvir, em nome da família o Dr. Américo Gomes da Silva, filho do homenageado, que pôs em relêvo várias facêtas da personalidade de seu pai, destacando a amizade que uniu o casal.

Expressou finalmente seus agradecimentos e de sua família, ao Instituto, pela manifestação tributada à memória do desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva; ao orador, pelo profundo estudo que realizou da vida de seu pai e que tão alto o projetou, e ao auditório, pela sua honrosa e confortadora presença.

Por último, falou o Presidente, que declarou:

I) Não precisamos importar figuras exóticas e alienígenas, para apontá-las à nossa geração como parâmetros.

II) A mocidade de hoje, que, desgraçadamente, afirma que Che Guevara é maior do que Cristo, bem poderia mirar-se nos nossos maiores.

III) O mal Não está, data venia, nas armas e artifícios bélicos, que sempre foram utilizados em todos os tempos e muitas vêzes são necessários porque impostos pela própria defesa ou honra. O desconcêrto do mundo decorre dessa mania de se destruir o passado e construir o futuro sôbre mitos.

IV) Um dsses mitos é a desnecessidade da vida familiar ou, pior ainda, a necessidade de corromper a família para destruí-la em nome de uma liberdade enganadora.

V) Aí estão os filmes eróticos, nenhum dos quais deixa de, a propósito ou sem propósito, apresentar uma cena de alcova, ou, como direi? — uma cena de prostíbulo.

VI) Conforta-nos, porém, a certeza de que tudo isto passará ,como bôlha de sabão que é.

VII) Ficarão os exemplos como o do desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva.

O Sr. Presidente ressaltou o brilhantismo da sessão solene, agradecendo a valorosa colaboração dos oradores Drs. Francisco Alves e Américo Gomes da Silva e a desvanecedora presença do auditório. Fêz uma referência especial a Tomás Gomes da Silva — o primeiro chefe que teve na sua vida funcional, quando foi estatístico auxiliar do Departamento Estadual de Estatística sob sua direção e, depois, chefe, novamente, na Faculdade de Ciências Econômicas, onde, como membro do seu corpo docente, o teve como diretor.

Encerrou a sessão, dizendo que, fiel à tradição, apresentava os mais sinceros votos de Boas Festas e Feliz Ano Nôvo à família do homenageado, aos presentes e a todos os sócios do Instituto.

Nada mais havendo a tratar, eu, João Hipólito Campos de Oliveira, lavrei esta ata, que será lida na próxima sessão quando, se aprovada e achada conforme, será ssinada por quem de direito.

SESSÃO DE 4 DE DEZEMBRO DE 1969

Aos quatro de dezembro de mil novecentos e sessenta e nove, às dezesseis horas, na sua sede social, à Praça do Carmo, realizou o Instituto do Ceará sua primeira sessão plenária ordinária referente àquele mês e ano. Na ausência do Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, assumiu a presidência o vice-presidente Mozart Soriano Aderaldo, que teve como secretário o Dr. João Hipólito Campos de Oliveira. Compareceram também à reunião os Srs. Francisco Alves de Andrade, Geraldo da Silva Nobre, Hugo Catunda, José Denizard Macedo de Alcântara e Manuel do Nascimento Fernandes Távora, ao todo 7 (sete) associados.

O Segundo Secretário leu as atas da última sessão, bem como da posse dos srs. Antônio Gomes de Freitas, Osvaldo de Oliveira Riedel e Geraldo da Silva Nobre, por êle redigidas, além de outra anterior, lavrada por Luís Teixeira Barros, que o substituíra na secretaria, as quais foram tôdas aprovadas, sendo que

uma delas com uma restrição de Francisco Alves. Êste salientou que, na ata da posse do sr. Geraldo da Silva Nobre, que foi saudado por José Bonifácio de Sousa, não estava registrado que êle ocupara a cadeira de que fôra titular Renato Braga. O Presidente, em nome do secretário, deu explicações a respeito do assunto, mandando que ficassem consignadas não apenas a ressalva de Francisco Alves mas os seus esclarecimentos.

Ainda em tôrno das atas, Hugo Catunda reportou-se a uma delas, em que se dizia que os originais do livro do consócio, governador Plácido Aderaldo Castelo estavam em poder de Mozart Soriano Aderaldo, quando a verdade é que êles lhe foram entregues pelo próprio autor. Adiantou que faltavam ainda quatro capítulos para a conclusão da obra, cujo prefácio êle estava escrevendo.

O secretário leu, a seguir, o expediente, que constou da relação da correspondência recebida e enviada pelo Instituto e dos livros entrados na sua biblioteca no período compreendido entre 20 de novembro e 4 de dezembro.

Na parte que lhe era destinada, o Presidente congratulou-se com o nôvo sócio Geraldo da Silva Nobre, agradecendo as referências elogiosas que lhe foram feitas por ocasião da posse. Concluiu sua saudação, afirmando que tinha certeza de que Geraldo da Silva Nobre viria, com sua fraternal convivência, trazer muito de proveitoso para o Instituto do Ceará.

OSr. Presidente comunicou que tinha se encontrado com o Dr. José Pompeu e que havia falado com êle, pedindo autorização à família para a publicação do trabalho de Pompeu Sobrinho sôbre sesmarias. Acrescentou que o Dr. José Pompeu tinha sugerido que a própria diretoria do Instituto redigisse a minuta de autorização, mas que êle, Mozart, lhe havia solicitado que a redação fôsse dêle mesmo, José Pompeu.

O Sr. Presidente tratou, finalmente, de um assunto, para o qual disse que pedia a atenção e, ao mesmo tempo, a benevolência do Instituto. Estêve conversando com o Magnífico Reitor Fernando Leite sôbre a concessão do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Ceará, ao consócio, Cônego Dr. Misael Gomes, e notou o desejo de Sua Magnificência de que a iniciativa, com a qual êle estava de pleno acôrdo, partisse do Instituto.

Posta em votação, a proposta foi aprovada por unanimidade, tendo Gomes de Freitas tecido elogios à figura de nosso companheiro Cônego Dr. Misael Gomes. Hugo Catunda, por sua vez, pôs em relêvo as qualidades do homenageado, mostrando que, num gesto muito edificante, êle havia dado o seu patrimônio a um educandário de sua terra natal.

Denizard Macedo exaltou, igualmente, a personalidade do Cônego Dr. Misael Gomes, mas acentuou que, embora não fôsse contra a concessão — uma idéia louvável por todos os aspectos — achava que a Univesridade podia conceder-lhe o título diretamente.

Reformulada a proposta, nos têrmos da indicação de Denizard Macedo, ela foi aprovada por unanimidade, tendo o Presidente assinalado que proclamava o resultado — por unanimidade — com a maior satisfação.

Depois de oferecer retratos para os álbuns do Instituto, Geraldo da Silva Nobre observou que o Instituto do Ceará devia registrar, em suas sessões, o passamento de cearenses ilustres. Assim é que pediu o registro dos falecimentos de frei Joaquim Gonçalves de Luna, beneditino conterrâneo; do professor Elídio Pimenta Magalhães, que deixou uma "Elegia a Kennedy"; dos Drs. João Gabriel Perboyre Quinderé e Francisco Sabóia, advogado do Banco do Nordeste, e do padre Francisco Pita.

O Sr. Presidente agradeceu os registros feitos sôbre os quais, por seu turno, fêz referências pessoais, permitindo-se lembrar a Geraldo da Silva Nobre que, além de chamar a atenção para êsses fatos, êle podia encarregar-se da elaboração das Efemérides.

Concedida a palavra, usou-a Francisco Alves para sugerir que a próxima sessão do Instituto do Ceará, no dia 22, fôsse solene, em homenagem à memória do desembargador Luís Gonzaga Gomes da Silva, pela passagem do centenário do seu nascimento.

A sugestão de Francisco Alves, que concordou em ser o orador oficial da solenidade, em honra do desembargador Luís Gonzaga, recebeu aprovação unânime

da casa, que se associou, também, ao voto de reverência solicitado, antecipadamente, por aquêle consócio.

O presidente Mozart Soriano Aderaldo voltou a falar para ressaltar que o tesoureiro Luís Sucupira já havia preparado os requerimentos à Universidade no tocante a saldos da verba. Aduziu que, com êsse dinheiro, se tornara possível ir mantendo a casa, a duras penas.

Luís Sucupira, prestou informações quanto à situação da tesouraria, assinalando que o Instituto mantinha em banco 13 mil contos.

Denizard Macedo de Alcântara informou ser do conhecimento que o Estado havia cortado a subvenção ao Instituto e que a Universidade a tinha reduzido de 27 mil para 25 mil.

Mozart Soriano Aderaldo tornou aocupar-se do problema das verbas, acentuando que, quando assessor de Virgílio Távora, jamais deixaram de figurar, no orçamento, as destinadas ao Instituto, numa deferência do ex-governador a seu ilustre pai, membro da casa.

O consócio Fernandes Távora aludiu ao assunto, declarando que, se seu filho fizera alguma cousa em favor do Instituto, o fôra sponte sua, sem nenhuma interferência de sua parte.

Mozart Soriano Aderaldo interveio para reafirmar que, em atenção a êle, Dr. Távora e ao sogro dêste, que foi fundador do Instituto, as verbas não foram cortadas.

Referindo-se às efemérides fúnebres arroladas por Geraldo da Silva Nobre, o consócio Denizard Macedo destacou a do seu velho mestre, amigo e conterrâneo padre Francisco Pita. Denizard Macedo lembrou episódios grandiosos, que, a seu ver, davam a medida de homem extraordinário que foi o padre Pita, diretor do Ginásio do Crato, por onde passaram alunos, como o senador Wilson Gonçalves, o ex-governador Muniz Falcão e o ex-ministro João Gonçalves.

Mozart Soriano Aderaldo manifestou, da mesma maneira, o seu pesar, particular em relação ao padre Pita, que era seu pároco, a cujas missas dominicais assistia, como ocorreu com a última por êle celebrada.

Gomes de Freitas ressaltou o significado, êste ano, da data consagrada a Santa Bárbara, a qual não mais seria festejada pela Igreja, pois foi retirada do calendário litúrgico, sendo aprovado o registro pedido.

E, como nada mais houvesse a tratar, foi encerrada a sessão, tendo eu, João Hipólito Campos de Oliveira, segundo secretário, lavrado a presente ata, que, depois de lida e achada conforme, será assinada por quem de direito.